

## **CABO VERDE: ANTOLOGIA DE POESIA CONTEMPORÂNEA**

**António de Névada – Carlota de Barros – Danny Spínola – Dina Salústio – Filinto Elísio –  
José Luis Hopffer C. Almada – Margarida Fontes – Maria Helena Sato – Mario Lucio  
Sousa – Oswaldo Osório – Paula Vasconcelos – Vasco Martins – Vera Duarte**



**ILUSTRAÇÕES**  
**Abraão Vicente e Mito Elias**

**ORGANIZAÇÃO**  
**Ricardo Riso**

**Maio de 2011**

## ***ÍNDICE***

**Palavras Iniciais - *Nágila Oliveira dos Santos***

**Apresentação - *Ricardo Riso***

## ***POETAS***

**António de Névada**

**Carlota de Barros**

**Danny Spínola**

**Dina Salústio**

**Filinto Elísio**

**José Luis Hopffer C. Almada**

**Poemas de NZé Dy Sant'Y'Águ**

**Poemas de Erasmo Cabral de Almada**

**Poemas de Alma Dofer Catarino**

**Margarida Fontes**

**Maria Helena Sato**

**Mario Lucio Sousa**

**Oswaldo Osório**

**Paula Vasconcelos**

**Vasco Martins**

**Vera Duarte**

## ***ILUSTRADORES - Biografias***

**Abraão Vicente**

**Mito Elias**

## ***BIOGRAFIA***

***Ricardo Riso***

**\* Imagem da capa:**

**Retrato fingido do poeta em Pessoa. (mix).**

***Mito Elias***

Técnica mista sobre papel. 15x21 cm. 2011

## PALAVRAS INICIAIS

Raros são os momentos, no espaço editorial brasileiro, em que se desvela a produção artística de escritores e escritoras que pouco ou quase nunca circulam entre nós e em especial quando nos referimos especificamente sobre as literaturas africanas de língua portuguesa.

Desde 2008, a *Revista África e Africanidades*, através de suas edições trimestrais, vem contribuindo para a inserção e divulgação das manifestações literárias africanas no espaço acadêmico brasileiro. Esforço este realizado tanto a partir da publicação de trabalhos realizados por estudantes e pesquisadores brasileiros quanto da publicação de obras de diversos escritores do outro lado do Atlântico.

O volume e a qualidade de estudos publicados sobre a literatura cabo-verdiana desde a primeira edição da *Revista África e Africanidades* é um dos destaques de nosso periódico.

Dentre diversos estudantes, professores e pesquisadores que ao longo destes anos vem contribuindo para a *Revista África e Africanidades*; o organizador desta antologia, Ricardo Riso, sempre teve um papel importante na divulgação e fomento sobre os estudos sobre a Literatura e Cultura de Cabo Verde, seja a partir da apresentação de autores (as) até o momento pouco conhecidos (as) por nós brasileiros ou dos já consagrados (as). Missão esta realizada tanto através de seus artigos e resenhas ou a partir de cursos e palestras realizados.

Sim, Ricardo Riso assumiu todos os desafios de se organizar uma antologia. E, com a força dos ventos do harmattan foi capaz de trazer à cena versos, vozes e letras de escritores e escritoras de um Cabo Verde contemporâneo, capaz de aliar a valorização dos aspectos históricos e culturais locais ao mesmo tempo em que dialoga com as questões mais universais do mundo de hoje.

Neste sentido, as próximas páginas mostram a comprovação da eficácia deste desafio.

Boa leitura!

*Nágila Oliveira dos Santos*

Editora

## APRESENTAÇÃO

A presente antologia pretende contribuir para a melhor divulgação da poesia contemporânea de Cabo Verde, ainda de tímida exposição no Brasil. Esse panorama contrapõe-se à excelente qualidade dos poetas revelados com o país independente, tendência que seria ampliada e consolidada nas últimas duas décadas configurando o amadurecimento da poesia cabo-verdiana, com seus agentes demonstrando pluralidades estético-formais, variedade temática e a busca incessante por um verbo depurado.

Organizar uma antologia expõe os riscos oriundos da seleção de quem a produziu, sendo inevitáveis algumas lacunas em razão das escolhas tanto dos poetas quanto dos poemas. Com isso, o critério que norteou a antologia foi o de que os poetas estivessem vivos, fossem reconhecidos por suas produções – principalmente as realizadas nos últimos vinte anos, com publicações próprias ou participações em antologias. Por outro lado, e apesar da boa inserção das obras de Dina Salústio e Vera Duarte no meio acadêmico brasileiro, houve a preocupação de oferecer maior representatividade de vozes femininas, pois é notório o predomínio masculino na poesia cabo-verdiana.

Um nome obteve especial atenção na antologia. Trata-se de Oswaldo Osório, agente histórico da poesia cabo-verdiana, poeta estreante ao lado de Mário Fonseca e Arménio Vieira em “Seló – Página dos Novíssimos”, no ano de 1962. Oswaldo Osório é o único dentre os antologizados que publicou no período colonial e permanece mantendo produção de elevado nível, como atesta o recente “A Sexagésima Sétima Curva” (2007, Dada Editora).

Com isso, a presente antologia deseja dar a conhecer, ainda que de forma breve, alguns desses poetas, artífices da linguagem, e assim estimular um olhar mais atento do público brasileiro para a recente produção poética cabo-verdiana.

Para encerrar, meu sincero agradecimento à Nágila Oliveira, idealizadora da revista África e Africanidades, que desde o primeiro momento abraçou o projeto da antologia. Agradeço a fundamental orientação e contribuição de José Luis Hopffer C. Almada, a valorosa ajuda da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Simone Caputo Gomes. Agradecimento especial aos poetas participantes e aos artistas plásticos, Mito Elias e Abraão Vicente. E não poderia deixar de mencionar as Profas Dras que tanto contribuíram e contribuem no meu aprendizado: Norma Lima, Carmen Lucia Tindó Secco, Sonia Santos e Maria Teresa Salgado.

***Ricardo Riso***

*Dedico esta antologia ao poeta Mário Fonseca (12/11/1939- 27/09/2008).*



*Len di Li*  
**Abraão Vicente**  
Técnica Mista.

**ANTÓNIO DE NÉVADA**

**António de Névada**, poeta cabo-verdiano, nasceu em 1967. Viveu a infância e fez os estudos liceais em Cabo Verde (Mindelo) e os estudos universitários em Coimbra. Começa a publicar em periódicos literários em fins de oitenta. Durante os primeiros anos da década de noventa faz teatro universitário em Coimbra. Em 1993, é editado pelo ICLD (Instituto Caboverdeano do Livro e do Disco) o seu primeiro livro de poesia, “Acto Primeiro ou o Desígnio das Paixões”. Em 1999, lança pela Angelus Novus Editora o segundo livro de poesia, “Esteira Cheia ou o Abismo das Coisas”.

## Canção Terceira

A Bia Didial

### (canto à sementeira) I

Não venho para redimir ou semear,  
 não viemos para colher ou situar.  
 O luar fragmenta-se,  
 os momentos tecem o peso  
 e não viemos para escolher, corroer ou perpetuar,  
 e nem as coisas preservam  
 o caudal dos tempos,  
 ou inutilmente pensamos, estimamos o afluente da dor.  
 Não venho para criar ou garantir,  
 não viemos para aumentar ou instaurar. Cada enxugo ou rega,  
 cada filho dizendo,  
 dizendo a morte e a sina nossa,  
 a cada filho o condão da rememoração.  
 E se dizemos hoje dizendo cantos,  
 é porque dizendo hoje temperamos o espírito!

Ontem  
 descemos as encostas  
 e bebemos a água da fonte,  
 a sementeira foi abençoada pelo poente,  
 pela poesia e pelo bater do tambor,  
 e bendizemos o corpo vago,  
 as fraquezas,  
 alguns troços de alma.  
 Hoje  
 sentamos à soleira da porta  
 e dizemos hoje dizendo cantos,  
 porque dizendo hoje diremos o vento  
 à porta da aldeia,  
 cantamos a terra ou o verso e rima.  
 Diremos a morte, a sensação de inexistência  
 [que nos perturba.

E o homem  
 cultiva sobre a terra estéril,  
 e sobre ela ajoelha-se  
 para louvar ou barafustar,  
 para louvar ou possuir  
 o dom dos deuses.  
 Homem que espera a consumação  
 e o volume da vida,  
 homem que habita os seios da madrugada  
 ou os cios, cios nossos  
 e do tempo horto.  
 Será que vivemos,  
 sobrevivemos,  
 para estabelecer a causalidade da morte?



Ou o mundo é a rua toda,  
o regadio e a impunidade?  
A rua toda, almas famintas,  
o afluente da dor?

Nas palmeiras,  
no oráculo e em voz branda,  
assumimos o cântico,  
dispensamos o corpo,  
e alagamos a ubiquidade.  
As ondas banham a alvorada,  
a areia reagrupa a linguagem,  
e a terra semeia o ramo e o suco.  
A alma vai com o vento,  
o infindável manto oculta as imagens,  
e as árvores da humanidade  
caminham sem frutos  
sem raízes de imbondeiro.

Cantos, breves cantos  
ó demência toda!

Seguimos  
as pisadas nocturnas da brisa,  
e a maré rasa  
no rosto da maresia,  
e a secura do sal pela rua.  
Na enseada onde os homens fazem as preces  
o bravo retorna ao mar.  
Ao longo da estrada, lado a lado,  
o penhor e o prumo da sementeira  
descrevem o campo, a alfarrobeira,  
o grão da mostarda, essa aflicção dolente.

## II

O caminho é longo,  
a estrada deserta.  
A densidade das palavras  
não encontra  
o discurso necessário.  
A magnanimidade vagueia  
pela vida, convivendo  
com as colinas agrestes do poente.  
E certamente,  
os sonhos serão acessíveis  
na próxima alvorada, e as lágrimas  
percorrerão as faces do cultivo:  
a cana, a cevada e o milho,  
encontrarão a terra ferida.  
Os braços, as pisadas desoladas,  
na paisagem entreaberta,  
encontrando o corpo doente.  
Oh!

Escolhemos a quietude, encolhemos a audácia.

E o caminhar aviva o desejo de audiência,  
de intermitência, inconsciente do seu dom  
que é dono da fugacidade.

- Rochas densas, elegias completas,  
como vos direi  
que o poema não é a almenara do silêncio  
nem a obra o seu mundo?

Como vos direi,  
ó eloquência arrebatadora,  
que o verso que lhe falta  
a serenidade toda  
apascentará no seu leito?

E a terra, a natureza sua,  
que nos vê nascer e crescer,  
espera pacientemente a nossa morte  
para reedificar a substância telúrica  
[que lhe pertence.

Pelos vales, pela ribeira,  
o vento incansável,  
o regadio, a água do poço.

Os homens cavam,  
cavam e cantam  
embebidos no sexo e na sede.

Nem horas nem palavras,  
Inalteráveis cantos.

E pergunto,  
que entranhas nos suportam,  
que entranhas matamos com os dias?  
Será que cavamos a própria sepultura?

Inventamos os sonhos, vivemo-los  
com essa ânsia inexplicável, verosímil.

Observamos o quotidiano,  
essa encadernação lenta, precisa.

Ah!

canto inválido,  
vozes mutiladas  
gemendo no redizer do vento:  
a alma abarca a existência.

Os olhos mergulham na nostalgia dos dias  
e um Deus inútil envolve o rebanho,  
o estanho e a profunda tristeza  
pelos movimentos da vida.

Um corpo pio ali caído,  
rama e drama,

ó bulício que cala um tal vento que fala,  
instrumento da vida restrições da morte,  
ou pranto pelo quarto todo:

- já nos foi dito que a consumação  
não pertence à consciência,  
nem tão pouco à pena.

E a sobrevivência,  
Zombando do nosso ânimo leve

Encontra o homem, rebelde,  
arrastando o mar pela praia adentro:  
Boca ávida,  
desespero trágico  
seus membros lânguidos,  
sobre a terra grávida  
caem os homens moribundos.  
E o sol brilhando  
acompanha a sementeira,  
o corpo e seiva,  
porque a loucura  
perdura no âmago dos seres,  
troncos da mente folha gente sem semente.

Ó deuses, ó cantos, ó bravos.  
Ó imensidade negando a têmpera dos dias!

### III

As vozes são agora perecíveis,  
o abandono alenta a paisagem,  
sua sombra queda-se  
na monotonia do horizonte,  
seus dedos contornam  
o renascer das cores.  
As folhas cobrem os detritos da vida,  
a areia possui os corpos,  
versos amorfos declamam a mudez do tempo.

Qual é o ente que colhe a alma triste?  
Qual é a água que cala o abrasado *cutelo*<sup>1</sup>  
[da minha póvoa?

Apascentamos o destino,  
sina diminuta ou prenhez que nos arrebatá,  
tal a fecundidade, incontestável culto  
onde os pássaros poisam e semeamos a afronta.  
Seguimos rotos, famintos pelos campos da mente,  
e palmas e membros hasteados  
suplicam ao deus afônico?  
- apuramos mais uma vez a grandiloquência!  
E exibimos pelas ruas as mágoas,  
o nosso húmus, o que nos resta,  
ou simplesmente mais um dia,  
a lida e a aresta do dia,  
a vida.

Dúbios versos  
que fluem no vazio da pena,  
verbo que verga sob o vento,  
membros densos e sobretudo abraços,  
braços da mesma quietude

---

<sup>1</sup> *Cutelo* tem aqui o mesmo significado que outeiro.

e ventania brusca buscando as lágrimas,  
ou mãos que empunham a magnitude.

Lombos doridos, prantos nocturnos,  
sustentam a geometria das sombras.  
E caídas, sob o ripostar das ondas,  
nossas almas seguem vazias  
por entre os cascos dos navios.

Ó homem brando de sonhos magos,  
homem lânguido que vagueia pelos tempos  
sua mente sumarenta:  
qual vento louco,  
o mar bate rouco, longo  
dentro do peito, sua  
vertente de tambor. O  
mar bate tanto  
Que no mastro outro mastro,  
na vela outra vela  
procura o porto de permeio  
onde o peito dorme.  
Não construímos templos,  
não louvamos o inexprimível.  
E a seu tempo,  
assemelhando-se à ribeira,  
encontraremos o mar,  
afagaremos as chagas, o ardor.  
E direi mesmo:  
- julgaremos o homem, sua essência,  
como quem julga a negação dos deuses,  
o infinito ou a irreferência das coisas!

#### **Canto IV da canção “Vozes em Dissonância ou apenas Vozes”**

(pertencente ao poema *Cânone Silábico ou uma Canção de Amor*, inédito da autoria de **António de Névada**)

#### **Canto IV**

Fui navegador e dobrei o mundo para lá do Adamastor.  
 Nem os versos de Camões me valeram nem as líricas  
 E as rimas em redondilhas, labutei o inelutável e contra Zeus  
 Perdura a luta e o luto, Confúcio está coxo e prostrado  
 Na sua poltrona, Picasso já não pinta máscaras africanas  
 E pouco me importa a orelha de Van Gogh!

Cristo, sem a varinha e o condão, já só faz milagres por encomenda,  
 E esqueceu-se da partilha do vinho e do pão! Ainda assim, há  
 Quem crê que a essência do homem nasce da sua vocação do amor,  
 Que o segredo da vida seja o mel que colhemos do melhor favo,  
 Que nada faça mais sentido que a simplicidade de nos recolhermos ao aconchego da lua.

Vimos o albatroz de balde fulminado em pleno voo  
 E o arcanjo tocando a lira e o banjo cair do céu abaixo  
 E estatelar-se no chão! Ó homem chega a ser  
 O que és – diria Píndaro, indelével e assaz...  
 A memória é a ínfima parte da alma que recolhe a pedra do tempo!

Entre o vazio e os escombros restamos nós, e não há terra firme  
 Nos sonhos que nos assombram! No lugar da perenidade os braços  
 E o cansaço, a cadência longa e a louca insinuando-se à morna e ao tango,  
 O flamengo dedilhando a voz rugosa e o fado e a milonga desapaixonada,  
 O peito pulsando esta dança e a música em crescendo pelo caminho da solidão.

Sobre a alma do nómada a contemporaneidade e a coetaneidade  
 Baralham-se numa orgia caótica! Certamente, não será o mundo  
 Que doaremos ao mundo! Que a morte nos não doa e a vida doendo  
 Se encarregue da dor que permanece na usura e no âmago das coisas!  
 O latido distante da cadela em cio fere os ouvidos do violinista!  
 (atrás dela seguem cães famintos...)

No limiar da banalidade, as pontas cintilantes da constelação,  
 Os gritos e a alegria das crianças devolvem ao quotidiano  
 O barro lamacento e as casas caiadas! E desfiando o novelo  
 Das palavras o eco labiríntico prevalece na dramaturgia coeva.  
 Não se tratam de histórias ou factos, dos lugarejos de Roma quando visitei Fellini!

Não encontrei em viagem alguma a ponta ao fio.  
 Vou desfazendo os membros e os dedos num arabesco,  
 As teias e os bordados que deflagram em formas barrocas,

A mente e o ser, a meada completa e o novelo à alma.  
As palavras ocas, doravante, o fio sem ponta que lhe pegue!

Eis a cidade e o caos que habito, Basquiat não me indicou o caminho  
Nem as portas da via latina, decompus os cacos que soçobram da composição  
E escrevo a toada e o canto onde a vida deposita o seu peso incontestável!

Que *amo a vida, eis a minha verdadeira fraqueza...*<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> “Pensamento” de Albert Camus



**Passport Frames**  
**Abraão Vicente**  
 Técnica Mista.

## CARLOTA DE BARROS

**Carlota de Barros Fermino Areal Alves** nasceu na Ilha do Fogo, Cabo Verde, a 24 de Janeiro de 1942. Viveu nas Ilhas do Fogo, Brava, S.Nicolau e S.Vicente até aos sete anos.

Em 1949 mudou-se, com a família, para Moçambique onde permaneceu até 1957, ano em que partiu para Portugal.

Em Lisboa continuou os estudos secundários e iniciou o curso de Filologia Germânica, na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa.

Casou-se em 1965, interrompe o curso em 1966 para acompanhar o marido numa breve estada em Luanda e juntos percorreram uma grande parte do sul de Angola.

No fim desse ano regressou ao seu País e reviveu Cabo Verde até 1974. Vive na ilha de S.Nicolau até 1969, visita a ilha Brava e a ilha do Fogo e de 1969 a 1974 vive na Ilha de S.Vicente.

Em S.Nicolau, onde apenas existia o ensino primário, fundou, com o marido, o Externato de S.Nicolau onde iniciou as suas funções de professora que prosseguiu em S.Vicente, no Liceu Gil Eanes.

De regresso a Lisboa, em 1974, continuou a lecionar e retomou os seus estudos na Faculdade de Letras onde concluiu a sua Licenciatura em Filologia Germânica.

Desde então, tem vivido e trabalhado em Portugal, revisitando Cabo Verde com frequência.

É colunista assídua do Jornal Artiletra, tem publicado na Revista Pré-Textos e em outras revistas de Letras e Artes e participado em vários Seminários, Conferências, Palestras e Cursos de Poesia, além de se dedicar com entusiasmo a atividades associativas, junto da comunidade cabo-verdiana em Portugal.

Participou na Coletânea de Poesia “Da Incerteza”, publicada pela Editorial Minerva no ano 2000. No fim desse ano saiu o seu primeiro livro “A Ternura da Água”, em 2003 publicou novo livro de poesia, “A Minha Alma Corre em Silêncio”. Em 2007, o Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro editou o seu livro de poesia, “Sonho Sonhado” que é reeditado em 2008, numa edição trilingue (Crioulo, Português e Inglês), a primeira edição trilingue publicada em Cabo Verde.

Presentemente, Carlota de Barros trabalha no seu primeiro romance que pretende publicar ainda em 2011 e a seguir, tenciona revelar aos seus leitores um livro de contos e poesia.





## SECA

Não gostaria de ter visto  
a seca a crescer  
a boa terra a gretar

não gostaria de ter visto  
o grande tanque a secar  
as levadas caladas  
encherem-se de folhas  
mortas quebradas

mas vi

esqueletos de goiabeiras  
retorcidos  
de secura  
ocas papaieiras  
vergadas  
sem seiva sem sêmen

Não gostaria de ter visto  
as velhas mangueiras  
tão magras de fome  
limoeiros e laranjeiras  
a morrer de sede e de pó

mas vi

figueiras bravas  
nuas de folhas e de frutos  
bandos de pardais sequiosos  
abrindo caminho  
por entre os galhos ressequidos

Não gostaria de ter visto  
os altivos coqueiros de pé  
a morrer sem um gemido  
o esplendor das árvores  
a murchar em silêncio

Não gostaria de ter visto  
mas vi

Carlota de Barros  
(in “Sonho Sonhado”)

## **MORNA**

(à memória de Ildo Lobo)

Morna

encanto de um povo  
brando sensual

melodia suave  
chuva miudinha  
na telha

ressonância do sopro das ilhas  
na nudez dos montes sequiosos

eco silencioso da nostalgia  
de um povo pobre  
caminheiro solitário no mundo

Morna

melodia de amor  
esperança e saudade  
de um povo simples  
náufrago nas ilhas  
que Deus sonhou e povoou

Morna

doce canto do ilhéu  
na valsa lenta das ondas  
voz de um povo de poetas  
a namorar o mar

Morna

carícia nua  
no coração da nossa terra  
pobre e desflorida

Carlota de Barros  
(in “Sonho Sonhado”)

## A MINHA ALMA CORRE EM SILÊNCIO

A minha alma corre em silêncio  
pelas rochas do meu arquipélago anilado

é a saudade do mar  
dos búzios  
dos potes  
das estrelas a brilhar  
nas noites escuras

do som das vassouras de palha  
na calçada da rua estreita  
nas manhãs brancas perfeitas  
que se seguem às noites  
de silêncio e jasmins perfumados

a minha alma corre em silêncio  
pelas noites de luar  
em que me colhias as rosas  
que alegravam o despertar lento  
das minhas manhãs jovens perfeitas

a minha alma corre em silêncio  
pelas noites estreladas  
em que me mostravas a urso maior  
as minhas mãos nas tuas  
confiante e terna

a minha alma corre em silêncio  
pelas rochas do meu arquipélago anilado  
é a saudade do silêncio das noites  
das rosas e das estrelas

Carlota de Barros  
in “A Minha Alma Corre em Silêncio”

## MAR E FOGO

Nasci junto ao mar  
um mar intranquilo  
e belo

ondas selvagens  
subindo para as velas  
como um grito sensual  
de amantes saudosos

dormi tranquila  
com o rumor do mar  
e sabor a sal  
no ar quente da noite

me uni para sempre  
à água  
ao sol  
à areia

nasci entre o fogo  
e tempestades salgadas

cobri-me de salsugem  
mastiguei o sal  
das ondas sem fronteiras

e me uni  
para sempre  
ao mar e ao fogo .

Carlota de Barros  
(in “A Ternura da Água”)

## RECADO PARA AS ILHAS

Buganvílias  
de todas as cores  
desçam  
sobre as rochas  
nuas e sensuais  
da minha terra  
bela e dorida

flores exóticas  
de todo o mundo  
goivos antúrios  
estrelíztias perpétuas e lírios  
cubram os montes  
os vales e achadas  
vilas e cidades  
do meu país  
seco e sofrido

venha a chuva e  
gota a gota  
numa valsa  
envolvente  
abraça as ilhas  
secas e sedentas  
do meu país  
magoado

numa sinfonia  
de gênios  
ecoem violinos  
flautas e harpas  
ocarinas  
liras e teclas  
pelos campos  
das minhas  
ilhas ao vento  
suão

rosmaninho orvalhado  
alfazema  
madressilva  
alecrim  
e mimosas airosas  
refresquem  
as planícies  
ressequidas  
das minhas ilhas  
desesperadas

espalhem-se  
tapetes de violetas  
e urzes  
giestas e tojos

em todos  
os campos do meu  
país belo  
e cansado

venham pássaros  
da amazônia  
tragam árvores  
de toda a espécie  
espalhem florestas  
por todas as ilhas  
do meu país  
belo e esgotado

canta meu sabiá  
de oxum  
teu doce canto  
de lilases e rosas  
e que te oiçam  
em todos os cantos  
do meu país  
dorido e altivo

a ti se juntem  
os pássaros  
das ilhas  
e digam  
ao povo  
que não sofra mais

que dance

e não chore  
e cante agora  
suas mornas  
e coladeiras  
porque as ilhas  
são verdes  
têm florestas  
e flores  
do campo  
pássaros  
que cantam  
à chuva e ao vento

chegou a chuva  
o verde  
e o rosa  
os azúis  
os pampilhos  
as harpas  
e os alaúdes

há serenatas  
suspensas

nos sonhos  
de alguém

sons de violino  
no ar violeta  
trazem de comer  
e beber  
para todos

há sons de timbales  
que passam  
com as nuvens  
há cores  
chocantes  
que ecoam  
pelas ilhas

violões rabecas  
clarinetes e cavaquinhos  
ensaíam mornas  
coladeiras e funaná

as gentes dançam  
batuque e mazurca  
e lá vem  
a contradança  
também

porque as ilhas  
são verdes  
e a chuva chegou  
com as cores  
do arco-íris  
zombando  
de ontem

há luar violinos  
e violetas no ar  
porque as ilhas  
são verdes  
e a chuva  
chegou

Carlota de Barros  
(in “A Ternura da Água”)

## VOLTAREI SEMPRE

Voltarei  
sempre às  
minhas  
rochas surgidas do  
mar

voltarei  
sempre às  
minhas  
ilhas  
mesmo que as chuvas de outubro  
se neguem

voltarei  
sempre ao  
meu lar  
mesmo que o milho verde  
não nasça

voltarei sempre  
ao silêncio branco dos  
mastros ao riso fresco das  
crianças  
ao abraço quente das gentes

voltarei  
sempre  
mesmo que  
julho  
não chova

voltarei sempre

Carlota de Barros  
(In “A Minha Alma Corre em Silêncio”)





***Ensaio Romper o Silêncio***

**Abraão Vicente**

Técnica Mista.

## DANNY SPÍNOLA

**Daniel Euricles Rodrigues Spínola** nasceu em Ribeira da Barca, concelho e freguesia de Santa Catarina da ilha de Santiago de Cabo Verde.

Cursou Língua e Literatura Portuguesa no Curso de Formação de Professores do Ensino Secundário da cidade da Praia, Cabo Verde, e Licenciou-se em Língua e Cultura Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Foi professor de língua e literatura portuguesa nos liceus da Praia, da Achada de Santo António, da Várzea e de Santa Catarina, tendo ainda leccionado na Faculdade de Línguas Estrangeiras da Universidade de Havana e na Guiné-Bissau aos voluntários do Corpo da Paz.



Foi assessor do Ministro da Cultura para as áreas da comunicação e da cultura, e é doutorando em Estudos Literários – Literatura Comparada, pela Faculdade de Letras de Lisboa.

Tendo feito alguns estágios e algumas formações na área da língua portuguesa e da pedagogia no ICALP, e no domínio do jornalismo para o desenvolvimento rural com técnicos da FAO, no Instituto Nacional de Investigação Agrária, e com técnicos portugueses e cubanos no Curso de Superação para Jornalistas no Instituto Amílcar Cabral, enveredou-se pelo mundo da investigação e divulgação cultural, realizando, dirigindo e apresentando vários programas radiofónicos e televisivos, nomeadamente: *Contacto e Action*, programa radiofónico para jovens – 1982/89; *Gentes, Ideias & Cultura*, programa radiofónico artístico-cultural – 1986, do Movimento Pró-cultura; *Alô Cabo Verde*, programa radiofónico e televisivo para emigrantes – 1991/92; *Artes & Letras* – 1992; *Cultura Versus Cultura* – 1994/95; *Clari (e)vidências* e *Nos Identidade* – 1997/99; *Finason di Konbersu*, 2006; *Arte & Cultura* – 2007, programas televisivos de investigação, informação e divulgação cultural e artística, para além do programa televisivo sócio-cultural intitulado *Testemunhos do Tempo*.

Já desempenhou o papel de consultor literário e dinamizador cultural, tendo sido membro da comissão de leitura do Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco e da revista *Fragmentos* e já integrou vários júris do Carnaval da Praia e de prémios culturais e literários, de entre os quais se destacam o Prémio *Jorge Barbosa*, da Associação dos Escritores Cabo-verdianos; o *Grande Prémio Cidade Velha*, o Concurso *Bolsa de Criação Cultural* e o *Prémio Pantera*, *Descoberta de Talentos Jovens*, do Ministério da Cultura; assim como o Concurso de Documentários da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa DOCTV e Cabo Verde Music Awards.

Foi membro fundador do Movimento Pró-Cultura, da Associação de Escritores Cabo-verdianos (AEC), na qual teve (e tem) a função de membro do conselho coordenador e responsável pelo Departamento de Actividades Culturais e do Departamento de Edições. Foi Secretário Executivo da SOCA e é, actualmente, Presidente do Conselho de Administração da Sociedade Cabo-verdiana de Autores – SOCA, da qual é membro fundador.

Com colaboração dispersa em vários meios de informação e divulgação, nos domínios de prosa, poesia, ensaios, reportagens e entrevistas, já publicou nos jornais *Voz di Povo*, *Tribuna*, *A semana*, *Novo Jornal* e *Jornal Horizonte*.

Foi editor da revista *Emigrason*, do Instituto de Apoio aos Emigrantes e do *Caderno Cultural do jornal Horizonte*, para além de ter pertencido à direcção das revistas *Seiva* e *Fragmentos*. É director da revista *Pré-Textos*, da Associação dos Escritores Cabo-verdianos e Editor da Revista *SOCA Magazine*.

Participa nas antologias: *Mirabilis de Veias ao Sol* – Antologia de poemas, 1998, organizada por José Luís Hopffer; *Palavra de Poeta* – 1999, colectânea de entrevistas e breve antologia de poemas dirigida e organizada pela brasileira Denira Rozário; *Petit Anthologie du Cap Verd, archipel de poèmes et de chansons* de Claire Couratier e Dominique Stoenesco, 2005; *Destino di Bai*, antologia de poemas, organizada por Francisco Fontes; *Divina Música*, antologia de poesia sobre a música para celebrar o 25º Aniversário do Conservatório Regional de Música do Viseu, organizado por Amadeu Baptista; e

participa ainda: nas coletânea sobre a cultura cabo-verdiana – *Cabo Verde, Insularidade e Literatura*, coordenada por Manuel Veiga, editada em 1998; *Cabo Verde 30 Anos de Cultura*, coordenada por Filinto Elísio, 2005; e *O Ano Mágico de 2006*, coordenada por José Luís Hopffer Almada.

Tem publicado, de entre outros, os seguintes livros de referência: *Lágrimas de Bronze*, ficção, E.A, Praia – 1991 (3ª edição – 2006); *Na Kantar di Sol*, poesia, E.A, Praia – 1991; *Adon y Éva*, poemas, ICLD, Praia – 1999; *Infinito Delírio*, poemas, IBNL, Praia – 2002; *Evocações*, ensaios, IBNL, Praia – 2004; *Vagens de Sol*, poemas, IBNL – 2005; *Lagoa Gémia*, contos em crioulo, Spleen-edições, Praia – 2006 e *Amen Na Nha Xintidu*, poemas em crioulo, EA, Praia – 2006; Os Avatares das Ilhas, Ficção, Spleen-edições, Praia – 2008; *Cabo Verde e As Artes Plásticas*, edição especial do Ministério da Cultura – 2009.

Enquanto artista plástico, já expôs em Cabo Verde – Centro Cultural Francês, 1998; Palácio da Cultura, 2002 e 2006; Câmara Municipal da Praia, 2006; na Áustria: Afro-Asiatishen Instituts Graz, 2003; Viena: Institut für Romanistik – Universitat Wien, 2001; Associação Amizade Áustria Brasil, 2004; Centro Cultural Francês, Palácio da Cultura e Convento de S. Francisco, com *Xposições – Sonatas de Sol*, 2009 e *Xposições*, no Cachito, 2010.

Foi distinguido: pelo Governo de Cabo Verde, em 2005, com o 1º grau da Medalha de Mérito, em reconhecimento pelo seu especial mérito demonstrado no domínio da cultura; e em 2007, pela Câmara Municipal da Praia, com uma medalha de mérito enquanto escritor.

Em 2010 foi condecorado pelo Presidente da República com a 1ª classe da *Medalha do Vulcão*, em reconhecimento pela sua importante contribuição para a promoção e o desenvolvimento da Cultura Nacional.

## PASÁGADAS DE SOL

### I

*Como água e como sol que somos,  
De nós mesmos nos alimentamos e procriamos  
Inventando cascatas de luz no escuro das trevas Concebendo  
luares de água em inóspitos desertos  
Construindo pontes, jangadas, céus e paisagens mil.*

*Às vezes passamos, como um sonho,  
Ou como uma brisa pelas asas de um pássaro;  
Outras vezes somos um pesadelo, uma alucinação,  
Numa planície louca que é o outro lado de nós*

*E, para se ser mais explícito, é preciso confessar  
Que, se por dentro trazemos esse rio, onde nos bebemos e saciamos,  
Na mesma proporção somos esse Sahel e esse sol insaciável  
Que nos consomem inteiramente e não nos deixam florescer.*

*Mas, assim como uma ameba, dela mesma se faz,  
Nós, também, nos completamos – de água e de luz  
E saímos a voar, girando como uma nebulosa,  
Ou nos quedamos silenciosos,  
Qual Oásis sedentário  
Povoados de conchas e de estrelas celestiais.*

*E assim seguimos o nosso caminho Refrescando a  
vida, Aclamando o mundo;  
Melodia nos nosso passos Pomos,  
De cantos os nossos gestos Enchemos  
E o verbo encontra-se sempre presente,  
Na extensão da nossas mãos, pronto para o conforto e a consolação,  
Esconjurando a desolação e o pranto do rosto do dia*

### II

*Fechemos os olhos  
E abramo-los por dentro  
Para não nos perdermos  
No labirinto que somos.*

*Incendiemos  
O nosso olhar  
Entre o palpitar  
Dessas colméias  
Que  
Em bemol de coloridas serenatas  
No coração das ilhas deleitar-se vêem.*

*O nosso sentir  
É sangue que se desata  
Sob a derme desses sonhos  
Longínquos  
Em farol de vítreas espumas.*

*Entre o ver do nosso olhar*

*E o sentir dos nossos sentidos  
Um punhal de melancólica melancolia Pousa  
Com o semblante de um luar que a viver Vive*

*Entre o ver que vemos  
E o sentir que sentimos  
Há essa voragem e essa vertigem  
De sermos uma estátua de luz faminta  
Exsudando a espelhos em maré de monção e marulho*

*As ilhas  
De búzios e Vestúvio  
Ruidosas e estivais se estendem  
Com a circum-navegação dos tambores em erupção*

*Líricos poros e sedentárias mãos  
Promessas de raízes incendiadas Ressuscitam  
Pelas vagas dos anseios e das emoções Navegando,  
Ao redor do mundo, no âmago do universo.*

### III

Vinha eu, dizia,... e cheguei ao porto da amada pátria,  
Com a cesariana da lua à boca do sol,  
Quando a terra, ainda em parto se encontrava,  
Gémeo da chuva vespertina, que,  
Pelo convés do dia, em maré de flauta estelar, se elevava.

O rugido do silêncio, no sono da noite, Ouvia.  
O mistério dos harpejos, pelos bosques da ansiedade, Sentia.  
O caminho, que eu mesmo traçava,  
E o espelho com o Anjo dentro, Vencia  
No obscuro e enigmático movimento de um oculto golpe.

Repleto de pálpebras a piscar, estava o ar;  
A pirâmide e a esfinge, na minha mente, presentes  
Com Isis bem perto, estavam  
E bem me parecia que Orfeu queriam  
E não Osíris;  
Era a trama do destino que essa sina, Ditava  
Arremessando-me para o vórtice de um Intuitivo,  
Primário e seminal entropio,

Com os sentidos em riste, os pilares cósmicos daquele Diálogo,  
imane e irreversível, entre o dia e a luz, Trepei; Com um  
Oceano de asas abertas aos orvalhos a cantar, Deparei  
E senti que, da Hibernação dos oráculos, ia a poesia nascer

Perscrutei o vértice da vértebra primeira  
E um espelho duplo, entre o céu e a terra, Vi  
Numa procissão de nuvens, sorradeiras, desfilando,  
Qual sobreviventes pássaros, em sonâmbulos voos.

Inenarrável e incapturável ...assim se insinuava  
Um riacho de sangue sob a minha derme,  
Em vagas de uvas e vinha;

Num pêndulo cego,  
As vozes que me habitavam iam e vinham, Baloçando,  
Sussurrando-me e aconselhando-me o ritual a seguir.

#### IV

Com o troar das marés, e os concertos das chuvas, Vinha;  
- Pelos vales e pelos hálitos da sedução, de velar tinha,  
Neste país de tanta promessa e promessa.  
A expiação e o remorso, num jogo entre o disfarce e a usurpação,  
Sobre essa vinha, voluptuosamente, se esparramavam  
Não fossem carne trabalhada, talhada para a cedência.

Como uma monção de estrelas sobre a copa das árvores, Desci  
E o grito de outrora, que o dia mordera,  
E que no quarto-crescente da vigília, Morava,  
Em ressumante orgasmo contraiu-se, implodindo-se, embriagado;  
E, eis que a brisa alta, o convento das bocas estupefactas, a selar Veio, soletrando, a gaguejar, encharcado  
de  
cal e sal, a oração dos lunários.

Para lá das algas batia-me o coração,  
Para além do universo, e no centro da periferia das  
coisas. Tinha consciência do caos e da luz, que tudo  
inundava  
- De forma avessa às farpas e às rosas;  
Era a mágica do Amem iluminado,  
Na peugada da catarse e do avatar, matemático, das chuvas.

Eu sei, sabemos, como o Corsa de David, que  
Por entre a sétima costela e a vértebra nona,  
A origem de tudo e do umbilical pecado, Se situa  
E, com a cabeça povoada de relâmpagos e trovoadas,  
Que se entrecruzavam, de forma transversal e oblíqua,  
Com as marés das espumas e dos corais,  
De ovular crina, seduzir Deixei-me.

E tive consciência, então, do longínquo aceno dos delfins,  
Das suas acrobacias e das suas estranhas e místicas melodias  
Em eterno e terno convite à paixão lunar do meio-dia em Pasárgadas de sol

#### V

A noite, por dentro do meu canto, floresce  
Quando a minha voz, com o teu nome, projecta.  
Não é o pensamento, nem o sentimento  
Que te fazem brilhar  
É a alma, que toda inteira te quer,  
Que assim, excelsa e bela, te inventa  
Com o brilho de um sorriso no ar.

Não direi estrela, nem astro  
Para te delinear...  
Um turbilhão de pássaros  
Com pêssegos acesos  
Serão os traços, abstractos,  
Que o teu perfil

nomearão

Mas não pensem, nem imaginem  
Que uma mulher aqui se procura  
É uma cidade que assim projecto  
Sonâmbula, pura e nua, como uma fruta madura  
Com as cores transparentes do meu delírio.

Esse milagre, de sobrenatural construção,

Feita de sonhos e sugestão  
Vem-me do âmago e do sol que em mim existe  
E não é pedra, nem razão que em mim persiste

É a minha cidade, esplêndida e ardente,  
Que assim se ergue, obsessiva, no meu coração.

## VI

Meu canto em névoa de luz  
Pela Aurora do entardecer de oiro  
Em rubros espelhos vai espalhando  
Com o brilho de um orvalho ao amanhecer.

Sou uma lua nessa hora invisível  
E tenho alvas asas que sobre os vales flamejam  
Num sussurro de rio inclinado sobre um regato  
E o meu coração é uma romã no ar vibrando

Assim como a chuva sobre as folhas ao sol Cai  
Compondo o meu cristal de melodia Vou eu  
Observando o dia que ao sol Se banha  
E a luz que pelas águas no céu Se rendilha.

Vejo palácios e cidades transparentes  
Quais marfins de névoa sobre a litania das achadas

Vejo ruas e vielas, pontes e aquedutos  
Sob a retina de uma película de bruma movendo-se

Há festa e riso nessa trânsfuga visão  
Há uma sensação e sedução nessa percepção  
Que roça a alma do divino em procissão

Fossem essa flama, esse ardor e esses suspiros  
Paredes e colinas de uma odisseia natal  
O vislumbre dessa urbe colheita, uma viva paixão Seria.

## VII

E chegou a vez dos poemas se incendiarem  
No seu leito de leite e de luz absoluta

Um poema é uma candeia, é uma flor  
É uma jarra, é uma harpa, é um coração, é uma canção

É uma canção à cidade, ao país, ao paraíso, ao mundo, ao Cosmos



É uma canção à vida, ao amor, mas também ao nada.

Um poema  
Que bem soa essa palavra que já é silencio  
E gestos e paixão e pura loucura em limbo?!

Um poema  
Que melodia se reverbera em comoção  
Lembrando já outros sonhos, outras emoções,  
Arquitectados pelo olho pétreo do sono e das suas ocultas raízes

O encanto, orquestrado por um corpo de mulher,  
É um poema que se abre em múltiplo canto  
Oferecendo a sua brasa, o seu violino e o seu sêmen

A alegria é uma clareira no bosque da vida  
Se soubermos saborear os frutos de cada roseira

Na verdade, esse caminho que seguimos  
Somos nós mesmos e,  
Como caminho que somos,  
Não temos princípio nem fim.  
Sobre nós mesmos caminhamos, incessantemente  
E do pó dessa viagem  
Nascem asas que ao céu alcandoram  
Em busca de outros destinos,  
Que não os da água que somos

Assim também a diferença entre a cor original  
E a sua codificação terminal, resultantes do ar e da luz  
E principalmente dos olhos que olham

É preciso ver o mar  
Para podermos deparar com estrelas e búzios no ar  
E assim podermos acreditar que o mundo existe.

.....



## O VITRÚVIO DE SANTIAGO

E é desses que falo  
 Desses de sombra fina  
 E auréola Lúcida;  
 Desses cuja adivinhação é um verbo,  
 Em primeira-mão,  
 E cuja definição  
 De provérbios, parábolas e metáforas se nutre  
 Que falo  
 Desses inscritos no espírito do mundo  
 Com as suas bocas em epigramas e ladainhas.

É desses cujo coração  
 Transbordante de Finason  
 - O cântico das palavras que  
 São liras e líricos lírios,  
 Em concerto de sedutores rios,  
 E que, ao ar que respiramos se assemelha,  
 Que falo

É desses  
 Que têm o cântico, em estigma, pelas dobras do caminho,  
 Enchendo a alma e a vida  
 - De quem ouve, de raízes e ramos;  
 Com seiva e sois respirando, que falo.

É desses que se assemelham à paisagem que adoram  
 Sobre a qual o suor vertem  
 Em incansável busca precária, que falo

E que, pela paixão da enxada sobre a terra,  
 Pelas sementes e milhos que, no pó,  
 Da paisagem a que se modelam,  
 E que os modelam, numa simbiose essencial,  
 O sonho de amanhã revivem, que falo.

É desses que,  
 Pela sedução quotidiana  
 De transformar a aridez desse  
 Destino, quase nu, quase inútil,  
 Cheio de imponderáveis arestas  
 - Distorcido e idêntico, onde a  
 Invenção da esperança fala mais  
 Alto que o desenho da certeza,  
 Que falo

E há ainda a outra vertente  
 Desses avatares sedentários e claros,  
 De que falo,  
 Cujo semblante  
 Liberdade e tenacidade em expansão transpira,  
 Ante o crepúsculo da aurora,

Ou sob a derme cinzenta da hora vespertina  
 Esses, de que falo,  
 Movimentam-se em ardentes vultos  
 Ao redor das madrugadas e tardes oceânicas  
 Com os seus membros febris e  
 O seu fio azul e transparente  
 Ao sol azul e confidente  
 Onde lançam, à luz das estrelas,  
 E do seu pétreo difuso, a sua sorte, esperando  
 O momento da glória e **Glórico**  
 O regozijo do anzol da carne,  
 do anzol da vida plena,  
 Da vida farta.

E é nesse ínterim do diálogo telepático  
 Entre a solidão da espera  
 E a mão que em silêncio trabalha  
 Que nasce o seu sal mais justo  
 E o seu sol mais radiante  
 Cheios de pássaros em revoada.  
 E não há palavras, não há voz  
 Que possam descrever  
 A visão desse interior iluminado  
 Com o júbilo do dia salvo

No entanto,  
 Só no aspirar do seu tabaco  
 E na limpidez do seu olhar sereno  
 Se distingue o seu riso colorido  
 E o seu humor de sol pleno,  
 Com a satisfação da parábola de Pedro no coração.

É de se falar também  
 Desses outros que as portas da ilha franqueia  
 Para ir beber em outros planetas  
 O néctar de sangue que necessita  
 Palmilhando, embora, a geometria  
 Das noites sem fins, das bússolas rotas,  
 Das setas duras, das sete partidas do mundo,  
 E dos dias múltiplos das mãos  
 Construindo  
 Os grãos e os frutos do regresso.

São desses que falo  
 Dos que para a incógnita  
 Da terra longe, das ilhas sem rosto,  
 Enfrentando o eco dos ruídos sem voz  
 No ondular das flamas, do frio e do vento  
 E velejam, em estonteantes harpejos,  
 Palpitando, atônitos, perante o deslumbre  
 Das colunas de vidro das cidades, estranhas,  
 Com as suas entranhas e veias de metais e parafusos;

São desses, que partem em primavera,  
 Do verão azul e cristalino

Para o baço do soturno Inverno  
Deixando os templos das flores  
E das estrelas quotidianas

Para irem sorver os pós das estepes rubras,  
Deixando-se levar, ao relento das trovoadas,  
E de transviados relâmpagos,  
Com o sonho do regresso pelos olhares,  
Enchendo de milagres as artérias e as premonições  
Com os ombros e o fôlego em acesa combustão  
Que falo

E nem é preciso referir-se aqui  
Às atribulações das suas insónias matutinas;  
Aos seus atropelos sem repouso  
No afazer dos seus sonâmbulos e metafónicos passos,  
Vagueando em soporíferos metabolismos;  
Aos seus ambulantes pés, deambulando  
Pelos andaimes da neve e da angústia...

E principalmente da solitária saudade,  
Em trote pelo coração  
Desses de que falo.

E é preciso ainda dizer mais  
Desses de que falo  
Desses de mística costela,  
Desses cujo universo  
Se resplandece de versos, uníssonos com as teclas e o ferro,  
Pelos acordes dos acordeões e das navalhas em palpação;  
Desses que quebram o silêncio das terras batidas, distantes e melancólicas,  
Adejando nas argamassas de betão, plenas de barro,  
Para serem música e canto de “caminho longe”  
Soando a serras e montanhas, a searas e voragens;  
Pelas planícies soturnas, em noites jubilosas de luar e festa.

É desses de que falo  
Desses que souberam reinventar as ilusões  
Para se erguerem por sobre as baionetas  
Cravadas em esquizofrénicos sorrisos.

É desses de que falo  
Desses que caminham até os confins de todos os opúsculos  
Com a hidropisia do mundo pelas veias  
Entre o suicídio e o esquecimento.

É desses de que falo  
Desses que pelos delírios das urbes do mundo  
Partem regressando  
Como signos de luz amando a noite.

É desses de que, com o Funaná pelos campos se alastram,  
Em compassos de passos dados em reviravoltas,  
Incitando à dança e ao rodopio,  
À roda do pó e das emoções em orquestrações,

Que falo  
 É desses, de ritmo rural em delírio e possessão  
 Que aos pares se enlaçam, plenos de alegria,  
 De movimentos, de abraços e apertos,  
 Contagando homens e mulheres, à Total entrega  
 À comunhão da música,  
 Que falo

E falamos assim,  
 Embora como quem esboça um iceberg,  
 Desses que, por ironia, se nominaram vadios,  
 Ao renegar a escravidão e a humilhação,  
 Alcandorando inóspitas e ermas montanhas  
 - Em demanda de liberdade e soberania,  
 E que veio a ser Badiu  
 Esse homem de múltiplas raízes  
 E ousados ramos e frutos.



*Panhal Na Tok.*

**Mito Elias**

Técnica mista sobre papel. 90x120 cm. 2011

## DINA SALÚSTIO

DINA SALÚSTIO - *Bernardina de Oliveira Salústio* – nasceu em Cabo Verde, Ilha de Santo Antão, em 1941. Estudos: Professora primária; Assistente Social e Jornalismo. Estudou e exerceu em Portugal, Angola e Cabo Verde. Publicações: “Mornas eram as Noites”, contos, 1994; “A Louca de Serrano”, romance, 1998; “Estrelinha Tlim Tlim”, infanto-juvenil, 2000; “Violência Contra as Mulheres,” estudo, 2001; “O Que os Olhos não Vêem”, infanto-juvenil (co-autora), 2002; “Cabo Verde 30 Anos de Edições–1975–2005”, catálogo-enciclopédico, 2005; “Filhas do Vento”, romance, 2009. Está presente em algumas antologias cabo-verdianas e estrangeiras. A sua escrita foi já matéria de alguns estudos, destacando-se quatro teses de mestrado e dois de doutoramento, no Brasil, Portugal, Itália e Cabo Verde, além de alguns trabalhos científicos ligados quer à sua prosa quer à poesia. Sócia-fundadora da Associação dos Escritores Caboverdianos. 1º Prémio em literatura infanto-juvenil (1994), Cabo Verde e 3º Prémio em literatura infanto-juvenil dos PALOP, Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (2000). Galardoadada pelo Governo de Cabo Verde com a Ordem do Mérito Cultural (2005) e com a 1ª Classe da Medalha do Vulcão por Sexa, o Presidente da República de Cabo Verde em 2010.



Por que havias de chegar  
 num dia enevoadado de bruma  
 nessa manhã de vento forte que me roubou  
 a (minha) máscara?  
 Por que havias de entrar  
 num dia de porta aberta  
 e me surpreender nua  
 a um canto tiritando  
 procurando confusa os trapos  
 para me tapar?  
 Por que nesse maldito dia  
 em que desprevenida  
 lavava uma saudade  
 e arrumava a um canto  
 um tempo que me doía?  
 Por que me terias que abraçar  
 e me chamar mulher  
 e abrir a janela e inventar um sol  
 sussurrar uma canção?  
 Para quê?  
 Se foi o tempo de um cigarro?

*Praia, 1986.*



Estavas do avesso. Despudoradamente.  
 Nas mãos tinhas uma pedra  
 e apontavas para mim.

O cheiro embaciava os vidros  
 maculava o tempo  
 amachucava o corpo

Tapei o rosto  
 engolia a dor  
 interroguei a vida

Tardes de silêncio  
 anos de mãos dadas  
 juras de mulheres  
 cumplicidade de fêmeas  
 eram música para esquecer

defesas  
 amordaçadas não escondi o  
 choro  
 quando  
 a porta bateu.



## APANHAR É RUIM DEMAIS

Eram deuses contava-se  
e diabos e loucos e tinham um altar  
cheiravam a maresia a madeira verde  
e desfiavam sonhos e liam sinas  
nos cabelos sem dono ao amanhecer

Eram deuses e diabos contava-se  
e perturbavam com seu canto  
e ameaçavam o som aceite

Juntaram-se cordas e leis e facas  
e afiaram-se línguas e palavras  
Armaram-se cercos e armadilhas para os apanhar  
Revolveram-se templos e bares  
Praias e castelos

Os cães não ladraram  
os anjos adormeceram  
a lua se escondeu.

Os corpos fecharam-se e a ameaça cumpriu-se  
Nem deuses loucos ou demônios  
Humanos apenas. Humanos amantes.

Uma mosca vomitou de náusea  
o céu soluçou estrelas  
as vagas cuspiram raiva  
o vento envergonhado desfez -se em pó  
a noite caiu e fez meu choro em pedaços.

Éramos eu e tu  
dentro de mim.  
Centenas de fantasmas compunham o espetáculo  
E o medo  
Todo o medo do mundo em câmara lenta nos meus olhos.

Mãos agarradas  
Pulsos acariciados  
um afago nas faces.

Éramos tu e eu  
dentro de ti  
Suores inundavam os olhos  
Alagavam lençóis  
corriam para o mar.  
As unhas revoltam-se e ferem a carne que as abriga.

Éramos tu e eu  
dentro de nós.

As contrações cada vez mais rápidas  
o descontrole  
a emoção

a ciência atenta  
o oxigênio  
a mão amiga.

De repente a grande urgência  
a Hora  
a Violência  
Éramos nós libertando-nos de nós.

É a nossa dor.  
São nossos o sangue e as águas  
O grito é nosso  
A vida é tua o filho é meu.

Os lábios esquecem o riso  
os olhos a luz  
o corpo a dor.

A exaustão total  
o correr do pano  
o fim do parto.

Toco os teus campos de neve  
e entrego-me aos fantasmas da minha infância

Religiosamente bebo a gota esquecida na palma  
da minha mão.

Brisas sutis deixam em arcos tensos  
as pétalas que me enfeitam

E estupidamente me trazem ruas empedradas  
veias do meu mundo  
onde a bússola e o desejo se confundem  
confundindo o destino de nós.

Na ternura das vozes que me envolvem  
há um convite ao poema que não consigo.

E as tuas montanhas sacodem  
lembranças de outras cavernas

gemendo à noitinha estórias  
de aves fugindo e picaretas cantando,  
murmúrios de piratinhas,  
sussurros de prazeres dolorosamente cambiados em mercado negro.

Pouco a pouco lêo no meu olhar ausente  
a existência de outra ilha  
E sentes a minha fê  
e o braço se afrouxa  
perante o adeus que adivinhas  
no silêncio do meu corpo.



**10\_morarabezando.**

**Mito Elias**

Técnica mista sobre papel. 15x21 cm. 2010

## FILINTO ELÍSIO

**Filinto Elísio Correia e Silva**, poeta e cronista, no arquipélago de Cabo Verde. É bibliotecário e administrador de empresas como formação acadêmica. Foi professor em Boston e em Somerville, nos Estados Unidos da América. Foi também assessor do Ministro da Cultura. Atualmente, é Consultor Internacional e Administrador do semanário A Nação, em Cabo Verde.

Publicou as seguintes obras: “Do Lado de Cá da Rosa” (poesia), “Prato do Dia” (crônica), “O Inferno do Riso” (poesia), “Cabo Verde: 30 Anos de Cultura” (antologia), “Das Hespérides” (poesia, prosa e fotografia), “Das Frutas Serenadas” (poesia) e Me\_xendo no baú. Vasculhando o U (poesia).



## VIAGEM

Em torno da odisseia das ilhas, creio levar  
Neste puro desejo que me transcende, a senha  
E a palavra-chave de os labirintos serem aqui  
Simples lugares de passagem, apenas paisagem...

O andarilho palmilha as dunas, as areias  
De intermináveis desertos e todas as ondas  
Que os oceanos concedem, quando furibundas  
Ou, mesmo, serenadas e das praias acariciadas...

Sem culpa, nem sina – ou de Job puro devedor –,  
Percorro de lés a lés o mapa que é de ti e do mundo  
Como quem responde à morte o saldo estival...

Como quem salta para a eterna idade da vida  
E fica suspenso entre a estrela e sua cadência  
A riscar, de viajar tão-somente, o céu da noite...

## **DAS FRUTAS EM CINCO TEMPOS**

**3**

As frutas, uma a uma, darão suas entranhas à boca  
O roçar leve de língua ao gosto de todas as coisas,  
As frutas saberão trazer do antanho nossas memórias  
Em paraísos de proibir nas árvores todo o proibido.

Uma a uma, não nos poderemos delas jamais apartar,  
Sílabas poderosas no ulterior dos verbos acamados  
Nos leitos de horizontes surgidos do útero da baía  
E nas janelas abertas para o império dos sentidos.

De quantas frutas somos benditos no ventre das vontades,  
Quantas lágrimas, suores e sêmenes, vagidos de nada,  
A esventrar a espessura de tudo ser mais prima matéria.

Ajoelhados ante o silêncio, soletraremos ao infinito  
O que desta idade temos ainda de eterna saudade  
E entoaremos, de sussurros tão-somente, o hino às frutas.



## **TODO DO SEU TUDO**

Dos versos meus, neste e noutro fala-se da morte.  
 O resto, do consorte, é todo ele sem cabresto  
 Transversas, em pinote, pedras e pedras, a teta  
 E o desferrar, quase proxeneta, do bebé de proveta...

Quando assim instaura o poema ou fonema  
 Por sorte, no meio da tecedura, tecem e fenecem  
 A textura e o miolo da palavra, a chula e a gula  
 Do Poeta, louco e de pouco prumo, filho da puta...

Reversos teus, lado outro de mim, enfim à solta  
 Ajuíza e giza o encontro das sílabas, ora pervertidas,  
 Ora invertidas, soletrando antídotos do coração...

Como estilete no pulmão, lâmina nesses olhos,  
 Como veneno, às vezes para o doce, tipo fruta,  
 Poeta que desfruta, do Paraíso todo de seu tudo...

## POETA DE CERTO MADRIGAL

Quiseste-me poeta de certo madrigal,  
Vitaminado de sintaxe, realejo e versejo  
Semântico em mim próprio, alado cavaleiro  
Ou psicadélico e mensageiro, filho da pátria...

Quiseste-me verso, esquecido do perverso,  
Homem novo, sua toxicodependência, o texto  
E seu contexto de máscara, de uma poesia  
Que não espera pelo vento, fará da cotovia...

Todavia, sou doutra leira que não esta  
De alaúde romântico e verbo metafísico  
Sou das estradas sem eira, nem beira  
Apartadas dos cristais e seus desvarios...

Um pouco esse rouco de algumas vozes,  
Aqueles de percalços e sombras dissolutas,  
Um pouco essa coisa viscosa e lacrimosa,  
Escoante dos insonsos, deserdados e aflitos...



## ÊXTASES

De todas as estradas, algumas por andar,  
As de sinuosa curva das palavras, a mais íngreme,  
Com metáforas penduradas ali no peitoral,  
São as que, por visceral, me motivam à Poesia...

Não te direi tudo dos verbos, de como,  
No topo de Abril, dos carapetos e cumes,  
De outros parapeitos, onde a semântica, ciosa,  
Se refugia silenciosa entre mim e o nada...

Virar, em passe de mágica, as cores de avesso,  
Transmutar, pelo reverso, fi após soltos de rosa,  
Prosa que também se solta as flores que voam...

Olhar, quando não sentir, só o das borboletas,  
O dos arfares na calada e o dos suores receosos,  
Deste recheio do êxtase, de tudo ser nada disto...

## T\_OADA

t\_arde que finda  
ou tão simplesmente noite  
(ainda) indecisa;

S grafema impreciso  
VC de vossemecê  
(senão só dá você)  
que ao tempo dos bichos  
o poema tem mais riso  
que almejado siso;

amiúde sem vogais  
de ataúde consoantes:  
    amar-te em MR-T  
    FDR-T gemendo assaz letras  
    CMR-T engolindo-as todas  
    na tua fonte  
    de todas as divas;

aliterando em T  
(Corsino verseja tambor)  
metaforizando em P  
(cor & sino tal poesia)  
empre\_dando  
V de viola de  
realejo R  
na escura fronte  
de tal homem;

sentado  
de rosto ao poente  
(t\_arde que finda  
ou tão simplesmente noite)  
guardo as vogais todas  
da cartilha  
ao tempo de gramática  
pouca  
e de algum voo  
pelo improvável da palavra;

t\_oda como eras  
minha primeira  
(ou se\_rias primeva?)  
professora...

## TABU\_LEIRO

o poeta busca a letra  
a musa  
a kilo k vc gosta;

ele:  
vas\_culha  
de leve  
a letra u

ela:  
bor\_bulha  
de breve  
1/2 d\_ode marítima  
1 verso Drummoniano  
2 pessoas de fingir

da dor deveras  
ele  
vira múltiplos de alma  
ela  
dita saudade dada

(acrescentam-se-lhes:  
cifras  
ânforas com palavras  
algumas metáforas  
& outros paladares)

o mais  
(receituário deste tabu\_leiro)  
pão de beijo  
...ooooops, lapsus calami! lapsus linguae  
(tropiezo involuntário... mineira é fogo)  
seria:  
pão de queijo!

## QUEM TE TATUARIA?

quem,  
     me\_xendo no baú  
     de tua tatuagem  
 desenhou-te  
     (em lápis de cor  
     ou, sei lá, tinta da China)  
 negro dragão  
     tão alva lua  
     e graciosa borboleta?  
 quem,  
     vasculhando o U  
     de tanta miragem  
 navegando-te  
     (em teu corpo-delito)  
 pecou maçã  
     tâmara  
     e manga-rosa?

sabê-lo ser alguém  
 de ditoso e de distante  
 (que é do vaga-lume sem sua noite?);

sabê-lo,  
 por teus cantos, demorado  
 (como pão quente, chá de manjerico e milho novo);

sabê-lo,  
 silente de guardado,  
 ou tão-somente silenciado  
 (tresandando sândalo e seu pecado)...

ah, sem tanto alarde,  
     desoficinar poesia  
 (e sabê-lo Deus, todavia);

ah, mesmo que tarde,  
 seres lacre que sela  
     carta já fechada à língua;

seres ainda que cifra,  
 toda a mensagem de olhos  
     tua nuvem virando viagem...  
 ou luar,  
 que comigo assim mexe  
 agora que nua te pressinto

re\_mexendo...

## ARRE\_ PENDÊNCIA

(Em consoante S) S

exílio  
S lírio  
C de cílio e  
de você  
esse delírio

broxa rima  
sapo coxa  
a cantoria

bão babalão  
senhor capitão

acha o povo  
seu  
k  
minho

mas  
não me piches  
no graffiti  
nem me \_gapixels  
em photoshop

existencializa-te  
cristaliza-te  
upgrada-te

ta te ti to tu  
ou  
tu to ti te ta

(andas maluco  
tu)

esse exílio  
esse lírio  
e o suicídio  
o triunfo  
dos suínos

vem irmão canta  
irmão encanta  
irmão

bão balalão  
cabeça de cão

o hino  
da  
liberdade

arre  
égua  
mula  
e burro  
moribundo

bão balalão  
não tem coração

que me arre pia  
tanta areia

e  
S mundo

viva Sartre  
arte  
tarte de limão  
&  
consorte

queres beijo  
ou  
pão de queijo?



*Sketches for freedom images*  
**Abraão Vicente**  
Técnica Mista.

## JOSÉ LUIS HOPFFER C. ALMADA



**José Luís Hopffer C. Almada**, jurista, poeta, ensaísta, analista e comentador radiofónico.

Nasceu no sítio de Pombal, Concelho de Santa Catarina, ilha de Santiago, Cabo Verde (1960).

Reside atualmente em Lisboa.

Licenciado em Direito pela Universidade Karl Marx, de Leipzig, e pós-graduado em Ciências Jurídicas e em Ciências Políticas e Internacionais pela Faculdade de Direito de Lisboa.

Desempenhou as funções de técnico superior em vários departamentos governamentais e de Diretor do Gabinete de Assuntos Jurídicos e Legislação da Secretária Geral do Governo.

Associado a diversas iniciativas culturais em Cabo Verde, como o Movimento Pró-Cultura (1986), o suplemento cultural Voz di Letra do jornal Voz di Povo (1986-1987) e a revista Pré-Textos; diretor da revista Fragmentos (1987-1998); co-fundador da Spleen-Edições (1993) e dirigente da Associação de Escritores Cabo-Verdianos (1989-1992/1998).

Participação regular em colóquios, em diversos países, como Senegal, Cuba, Bélgica, Brasil, Angola, Portugal, Holanda, Suíça, Moçambique; colaboração assídua em jornais e revistas literárias e jurídicas, com destaque para Fragmentos, Pré-Textos, Direito e Cidadania, Lusografias, A Semana, Liberal-Caboverde. Representado em diferentes antologias poéticas estrangeiras.

Organizou Mirabilis – de Veias ao Sol (Antologia dos novíssimos poetas cabo-verdianos (1998) e O Ano Mágico de 2006 – Olhares Retrospectivos sobre a História e a Cultura Cabo-Verdianas (2008).

Publicou: livros de poesia – À Sombra do Sol, I e II, (1990); Assomada Noturna (1993) e Assomada Nocturna – Poema de Nzé di Sant' y Águ (2005); ensaio: separata – Orfandade e Funcionalização Político- Ideológica nos Discursos dentitários Cabo-Verdianos (2007).

Utiliza os nomes literários Nzé di Sant' y Águ, Zé di Sant' y Águ, Alma Dofer Catarino, Erasmo Cabral de Almada (poesia), Tuna Furtado (artigos e ensaios) e Dionísio de Deus y Fonteara (crônica literária e prosa de ficção).



## POEMAS DE NZÉ DY SANT'Y'ÁGU

### PARÁBOLA SOBRE O CASTANHO SOFRIMENTO

#### Primeira parte

##### I

Foi com um gesto de desânimo  
                                           que  
 Deus expulsou Adão do paraíso  
 anatemizou Caim com a eternidade da sua cólera  
                                           e  
 nos ensinou a penitência do sofrimento

##### II

Foi fascinado com o pecado  
                                           e  
 com a imprevisibilidade da vergonha  
                                           que  
 Deus inundou com o estigma da dor  
 as faíscas de doçura  
                                           que  
 incandesceram  
 os corpos primordiais  
 do amor e da paixão  
 instituiu a culpa  
 no inescrutável coração da mágoa  
                                           e  
 se prostrou em expiação  
                                           ante  
 a impiedosa sensualidade da mulher

##### III

Depois  
 de se ter feito  
 solilóquio e reverberação do verbo  
                                           e  
 de ter criado Adão  
 de uma pedra de basalto  
                                           intumescida  
 em terra de massa-pé  
 e do sopro fugaz do mistério  
 a que se chama vida

criou Deus a mulher  
 a Eva das nocturnas fantasias de Adão  
                                           esculpindo-a  
 em corpo e melenas de paraíso  
 à imagem e semelhança  
 da sua incorrumpida beleza

##### IV

Foi num assomo  
 de tédio cansaço e tensão erótica

que  
Deus fez de Eva a sua diva  
e de Adão o serviçal  
dos seus momentos ociosos e libertinos

V

Perpassava a bruma  
sem cansaço sem tempo e sem espaço  
entre as ervas  
estavam Eva e a serpente  
lânguidas e perversas  
e  
cientes do amor e do conhecimento  
sob uma mangueira estiradas  
num leito entrançado  
de folhas de coqueiro e de bananeira

VI

Perpassava o tempo  
tenuemente exausto e ausente da memória  
entre o crepitar dos risos  
quando surpreendeu Deus às fêmeas  
e ao olhar de Adão  
libidinoso e alucinado  
com a subversiva ejaculação do prazer

VII

Da infidelidade de Eva  
e da ousadia de Adão  
da irremediada frustração divina  
e da iluminada estupefacção do adultério  
nasceram dois gémeos  
ambos de cor parda

pois que  
era Eva tão alva  
como a imperturbada brancura da neve  
e  
Adão tão negro  
como o nocturno rumor da chuva  
sobre o esplendor das trevas e do escurecido verde  
que precederam o mundo

pois que  
era Adão tão claro  
como as cristalinas nascentes  
rumorejantes  
nos montes intocados  
e  
Eva tão escura  
como as ribeiras  
por onde as intempéries e os frutos da natureza  
desfraldam a sua impúdica alegria  
e  
fazem germinar

a infatigável e atônita memória do ébano

### VIII

Ao primeiro de entre os gémeos  
 chamaram-no Caim  
 e  
 destinaram-lhe  
 uma funda um alforge de pedras  
 e  
 o pastoreio de vacas e de cabras  
 nas achadas das imediações do paraíso das águas  
 do éden chamado Pombal  
 e  
 o segundo  
 que entre os tempos  
 da sementeira e da colheita  
 entre o repouso do arado e o pousio das lavras  
 seria amante da música da contemplação  
 e da masturbação dos sentidos  
 respondia por Abel  
 e  
 breve seria a piedade divina  
 face ao seu cadáver  
 e à fraticida exasperação de Caim  
 em trágico e guerreiro mimetismo de Gitano  
 o seu touro predilecto

### IX

Morto Adão  
 (da doentia nostalgia a que chamam saudade  
 da entristecida saudade a que chamam banzo)  
 depois de longo exílio  
 após dolorido desterro  
 num ermo do mundo  
 situado entre o Rincão e o Monte Negro  
 era Eva  
 ainda jovem e bela  
 e ríspidamente sensual  
 face à velhice de Deus

Morto Adão  
 (por humana fraqueza de Deus)  
 enamorou-se por Eva Caim  
 e  
 fugiram ambos  
 para o desabitado interior do mundo  
 que se estendia pelas distâncias  
 das ilhas periféricas  
 as desertas chamadas  
 e  
 cresceram e multiplicaram-se  
 em faces castanhas  
 escurecidas  
 pela inospitalidade das terras

devastadas  
 pelo abandono pela secura  
 e pelo árido olhar de Deus  
 e  
 pereceram e ressuscitaram  
 entre cabras e pedras  
 e  
 o sincopar  
 dos cantos  
 que foram inventando  
 e  
 a dorlência  
 dos lamentos  
 que iam entoando  
 na orelha do mar  
 no fundo das ribeiras  
 no alto das assomadas  
 e  
 crestaram as faces  
 de persistência e de melancolia  
 e  
 saíram pelo mundo  
 e  
 fizeram-se diáspora  
 em busca  
 e  
 em rememoração  
 do perdido paraíso do verde e das águas

X

Remordido pela náusea  
 possuído pelo inapagável rumor da vingança  
 fez Deus petrificar Adão  
 e, depois, Eva  
 (ou o que do seu rasto latejava sobre os areais)  
 e  
 colocou-os sobre o cume  
 do monte mais alto  
 -Pico de Antônio chamado -  
 cobrindo-os com o fosco e basáltico azul  
 da distância e do esquecimento  
 e  
 agora e para todo o sempre  
 da hora da nossa morte  
 em estado de aparente coma  
 sadicamente  
 tudo isto  
 (isto é, o nosso purgatório de inveterados habitantes da secura)  
 no seu leito de martírio e morte  
 observa

XI

Eis pois  
 desvendado o segredo  
 do irascível mau humor de Deus

e da ciclótica longevidade  
do sofrimento sobre a terra:  
a vítima  
da primeira sublimação  
do primeiro adultério  
do primeiro incesto  
do primeiro remorso  
da primeira irreverência proletária  
foi Deus, ele próprio,  
inerte sobre o ócio  
e a sua imensa sabedoria

## XII

Vocifera a criatura  
cabisbaixa e estupefacta  
com a desmesura da sede e a imensidade da seca

Com árida raiva  
vocifera a criatura  
em face das águas assanhadas diluvianas  
carregando para o mar  
as últimas colheitas  
as derradeiras esperanças  
e  
verbera:  
e  
continua o sofrimento  
sobre as crinas incolores do tempo  
e  
sobrevive o escárnio da terrena tragédia  
nas águas tementes  
que descaem  
dos sulcos inclementes  
que compõem  
a inconfundível fisionomia  
da alucinação e da resignação

## Segunda parte

Levantado da ressaca  
no junino e festivo umbral de novas as-águas  
pressagia a criatura  
ainda aridamente cintilante:  
quando  
se soerguer  
da apatia da letargia e da prostração  
e despido das vestes antropofágicas  
de seu heterónimo, Lúcifer  
(também denominado Diabo, Demónio, Satanás ou, simplesmente, Sujo)  
Deus se erguer  
como um arco-íris  
entre o cieiro e a bruma seca  
  
e as plantas e as pedras  
se inundarem de insónia

e  
 da memória dos tempos  
 da angústia e da solidão  
 da desolação e da secura  
 que incendiaram as almas  
 e  
 sob o frio olhar do pelourinho  
 transformaram  
 os ossos das gentes  
 em sahel e sul-abaiço  
 - nomes recentes do inferno -  
 e  
 transmutaram  
 em enxada da penúria  
 o insuportável e antiquíssimo destino  
 do corpo  
 sob  
 a miragem da cruz  
 e  
 gravaram  
 com o nome de Gessua e Gervásio  
 o silente chicote do martírio  
  
 Reencontrar-nos-emos  
 e  
 às efígies ancestrais de Adão e Eva  
 e à ousada tenacidade de Caim  
 reconciliando-se  
 com a alma limpa e solidária de Abel  
 em Cristo transfigurando-se  
 no olhar penetrante  
 do Homem da Achada Falcão  
  
 Amílcar chamado  
 pelos que lavravam árduos os dias  
 e  
 comungavam a succulenta hóstia das madrugadas  
 entre as brumas da Serra Malagueta  
  
 Reencontrar-nos-emos  
 e  
 às raízes  
 do sangue e do suor  
 dos séculos de dor e esperança  
 no ritmo do pilão  
 e  
 no poílão da sabedoria  
 em Txororó vivificando-se  
 tais corações de Lázaro e valentes de Julangue  
 pelas mãos latas  
 fraternitárias  
 do Homem de Ponta Belém  
  
 em Madina de Boé  
 Abel Djassi proclamado

lume de ouro  
 festejado  
 entre  
 as flores defumadas  
 em fumo sagrado  
 consagrado  
 entre  
 os risos orvalhados  
 perfumados  
 no mistério livre  
 da floresta e da noite, oh mãe!

Reencontrar-nos-emos  
 num tempo outro  
 sabido  
 sabendo-se nosso  
 inundando-se  
 das palavras da profecia  
 desferindo-se  
 sobre a carne agrilhoadada  
 da terra e da desgraça

Reencontrar-nos-emos  
 Abel de Eva e Maria de Magdala  
 Adão de Deus e Judas de Cristo  
 Abel de Iva e Caim de Adão  
 Jesus de Maria e Eva de Deus  
 redimidos no regaço da pietá  
 e no seu rosto  
 desenhando-se  
 escuro  
 na fisionomia islenha  
 da mãe idolatrada  
 da mão companheira

presentes em cada manhã  
 sobrevivente ao umbigo inicial  
 para sempre enterrado  
 na comunhão da terra com o nunca mais  
 ausentes da morte  
 lacrimejante esculpindo-se  
 no derradeiro sorriso germinando  
 na interpelação aos traidores  
 no rosto amoroso da mulher  
 a um tempo Eva e Iva  
 na noite de Conacry

Reencontrar-nos-emos  
 e  
 à nossa obsessão do verde  
 - nome edénico da paz -  
 e  
 à nossa saudade  
 da atlântida  
 das hespérides

da savana e do baobab  
do zion train  
e  
dos vários imaginários  
do sonho e da viagem  
em torno do paraíso das águas

ou  
simplesmente  
de um almejado cabo  
de um lugar verde  
onde  
descansar-nos possamos  
das atribulações da escassez e da carestia  
da esquizofrenia de Deus  
da tentação de Satã  
da possessão do Demo  
e  
pensar-nos  
e  
assumir-nos  
como criaturas decentes e dignas  
sob o olhar finalmente compadecido  
da lonjura fraterna da terra prometida  
da distância próxima e tacteável  
de uma outra terra dentro da nossa terra  
da ilha de todos os poemas  
pasárgada  
de carne e espírito saciados

Reencontrar-nos-emos  
pardos e castanhos  
estonteantes e incrédulos  
e  
limpos dos antigos alaridos  
regressados  
à verde e líquida memória do ébano  
ao antigo lugar do exílio e do desterro  
situado entre o Rincão e o Monte Negro  
ou algures  
onde nos seja possível  
perscrutar Adão e Eva  
e partilhar dos frutos  
do seu éden pétreo  
do Pico de António



## INSULA VERDIANA

*a Corsino Fortes e Kaká Barboza,  
com o pulso ancorado nas águas de Caboverde*

Do irruptivo fogo  
e dos seus rastos de lavas  
restolham cinzas frementes  
em seiva

Da seiva em espiga  
cresce o milho demente  
sobre o inóspito e virgem rosto da ilha

Da ilha  
nasce o país  
naufragado  
no mar e na maresia

E da dor da solidão  
cresce a bandeira à deriva  
sob o comiserado olhar  
de Geba distante

De Nacho a Notcha  
de Eugénio a Homero  
é igual a insígnia  
da língua metafórica  
nas pétalas  
dos sisais florindo  
entre a aridez da bruma  
e a rude altivez da cabra

São ardentes  
as mãos do harmatão  
moldando as ancas famélicas da penúria  
e a fúria do vento leste  
esculpindo as faces oblíquas da revolta  
nos passos destemidos de Gervázio e Ambrósio

Sagrado é porém  
o sal que nos circunda  
e pujante  
o milho onírico  
da espiga da bandeira  
rescendendo em olorosa fogueira  
crepitando em dolorido fogo  
as faces trémulas  
do pão e da espada da liberdade  
na irrupção ouro-rubro-verde  
do búzio do milho e da estrela negra  
no ressurrecto martírio de Amílcar

Ainda que  
da lava dormente  
sobre o arquipélago  
nasçam cinzas e pedras soltas  
na solidão de cada ilha  
e das rugas das acácias  
sobre o rosto temente do ilhéu  
cresça o distante e histérico riso do poder

da fronte salgada  
do medo e do naufrágio  
entretecem-se  
novos presságios  
na paisagem metafónica  
da nascitura face do arquipélago  
e das suas mãos em flor...

## TABANKA

*in memoriam de Palau, rei da tabanka da Achada Grande  
aos integrantes da tabanka de Chã de Tanque e  
das demais da ilha do Maio e da grande ilha*

Ouvi gentes das ribeiras  
o som cavo dos búzios  
e a rude cavalaria da esperança  
retinindo no âmago das cornetas

Ouvi gentes das achadas  
agora que pareceis emudecidos  
ante o sepulcral retinir dos sinos das igrejas  
e as efêmeras promessas de liberdade

A tabanka sobe já à cidade  
e os búzios sagram as ancas  
do mar e do martírio  
com o seu poderoso murmúrio  
entre os lábios dos incansáveis tocadores

Longo é o caminho dos tambores  
e o seu rugido de guerreiro  
ressoando entre as mãos  
e o tardio curtir das peles

Impenitente é a cavalaria  
que cavalga ao som das cornetas  
e longínquo já o teatro  
das batalhas e das vitórias memoráveis  
sobre o castanho dos sequeiros  
e o corpo ondulante das savanas

A tabanka sobe já à cidade  
e o seu zumbido reboa  
entre as escarlates cortinas dos sobrados

Os ídolos são os búzios e os músculos saracoteando  
a imponderável sacralização da dança  
e os ancestrais espíritos do fogo  
confundem-se com as pedras  
e o odor da terra insular  
entre as colinas azuis  
e a brusca brancura das espumas

A tabanka sobe já à cidade  
e como pássaros enternecidos em pleno voo  
vêm a pomba e as filhas de santo  
no estalido do primeiro ritmo  
inaugurando o dia  
e abrindo a exaustão do sol  
ao rei e às hierarquias gentílicas

solenes entre o deserto e a catedral:  
o governador a rainha os comandantes,  
o secretário o doutor o carrasco o carabesso  
o lantoni o falcão a corte colorida  
e os cativos com perfil de leopardo  
cuspindo a liberdade da dança  
e da pele nua à monotonia da cidade  
e ao indubitável mistério da máscara ngon

Ouvi homens e mulheres  
vagabundos de todas as rebeldias  
guardadas clandestinas sob os poilões!

A tabanka sobe já à cidade  
e eis que se tornam necessários  
o vosso ritmo e o vosso canto  
por entre os búzios e os tambores  
e a trombeta da cavalaria da esperança

### MITOLOGIA CRIOLA III

Nabucodonosor!  
Nabucodonosor!

Onde estão a tua espada  
e a tua raiva  
quando em santiago  
sucumbem o tempo  
e as brumas suculentas da ribeira grande?

Os templos caíram em ruínas  
desde quando  
a eternidade se desfazia  
sobre os rostos basálticos das ribeiras  
e a fortuna se derruía em maldição  
defronte da irrupção dos galeões  
de drake e cassard

De tão velhas as urbes  
metamorfosearam-se em aldeias  
cobriram as faces de amnésia  
e emboscaram-se  
com a erodida impaciência das ribeiras  
no fio da navalha do recôndito das montanhas  
e da terna perscrutação da ávida indagação  
dos campos tenros de setembro

As criaturas essas  
atemorizadas  
encontram-se presas  
em plena cidade  
pelas âncoras do medo  
e do seco açoite  
do vento norte  
e da sua sibilante caligrafia

Nabucodonosor!  
Nabucodonosor!

O vento sopra o vento sufoca  
e a espada é a tua língua viperina  
a raiva é o teu imenso desprezo  
e o imorredouro asco do mar  
sitiando a chuva e o verde da primeira rocha  
constrói a espessura do teu coração

Nabucodonosor!  
O vento sopra o verme sufoca

Mas, eis-nos!

Somos a ilha das cicatrizes sangrando  
sobre a parda consternação dos regadios

e o hirsuto êxtase das montanhas

Somos a ilha de mistérios calados  
de olhos fixos  
na flor da mangueira  
e no verde profundo  
das ribeiras de sedeguma

Somos a ilha das iniquidades desvendadas  
de alma velando  
o porte altivo  
dos homens de jaracunda  
e a imponência  
dos rochedos de txororó  
prestes a tombar

Somos nós  
Nabucodonosor  
o tempo da montanhosa condição do silêncio

Somos nós  
o tempo da exaustão  
da penitência a sotavento

Somos nós  
o templo da antiquíssima memória  
do parto do verde e do baptismo primogênito  
ou o que deles sarcasticamente resta

E sabemos que a ilha  
encalhada na secura  
e na humidade dos prantos passados  
carrega mais eternidade  
que a consonântica arrogância  
a sua néscia pesporrência  
do vento norte...

## NA MORTE DE BALTAZAR LOPES DA SILVA (QUE TAMBÉM É O POETA OSVALDO ALCÂNTARA)

*in memoriam de Jorge Barbosa, Gabriel Mariano e Ovídio Martins  
a Digho, Danny Spínola, Cândido de Oliveira, José Luís Tavares,  
Mito, Filinto Elísio Correia e Silva, Xan e José Cunha  
ao Djélis, in memoriam*

Sinto-me só.  
Sinto saudades dos meus companheiros.  
Os meus companheiros trilham os caminhos da terra-longe.  
Da terra-longe ou da pasárgada.  
Sei somente que esses caminhos desaguam a norte.  
Do norte os meus companheiros navegam as saudades para o sul.

Somos nós o sul.  
Nós à sombra da acácia na esquina da noite na encruzilhada da praça  
na inércia da pedra.  
Nós na imaginação do destino na obsessão da felicidade na esquizofrenia da ilha.

Como todas as rotas do sul incendeia-se o nosso sul de sol.  
E nos incendeia a nós. É a nossa cruz. A ilha em crucifixão.  
Por isso plantamos a acácia resguardamo-nos do sol e dedilhamos um hino  
ao sol à acácia e à nossa sabedoria de nos resguardarmos do sol à sombra da acácia.

Quietos e indolentes (como é próprio do sul) aguardamos a chegada  
das saudades dos nossos conterrâneos radicados a norte.  
As saudades provêm do norte (pasárgada ou terra-longe, terra longe e longínqua, em todos os casos).

Medito: evadiram-se os meus companheiros para a pasárgada, desterraram-se para as hespérides ou  
degradaram-se para a terra-longe?

Meditamos: nós no sul fôramos degradados.  
A vertigem do cativo. Do sul de lá para o sul de cá. Do sul de cá para o sul-abaxo.  
E os meus companheiros naturais do nosso degredo percorrem os trilhos da evasão.  
Para não se degradarem no sul. E sentem saudades do sul. E o sul é destino da evasão. Destino e  
destinatário da saudade. Evasão vers le sud.

Quando se sonha com a pasárgada é o sul lugar da origem da evasão.  
Sob a acácia sonhamos com os arranha-céus e o intenso tráfego nocturno dos nossos companheiros  
radicados no norte (terra-longe ou pasárgada, terra longe e longínqua em todos os casos). Por isso  
evadimo-nos. Em sonhos evadimo-nos. Somos evasioneiros. Evadimo-nos, sentados à beira rumorosa  
das praias, no fundo pedregoso dos vales, na intimidade do fedor circundante dos subúrbios,  
prosternados em qualquer lugar da crucifixão da ilha. Em todos os instantes da venturosa liberdade da  
fantasia de viagem e escape.

Com os olhos espavoridos dos nossos companheiros em viagem retesamo-nos no interior do corpo  
metálico das aeronaves. Com os lenços inúteis das antigas e lacrimantes despedidas nos portos de  
embarque transpomos as grades invisíveis da ilha-prisão. Leves como pássaros recém-libertos  
respiramos o ar imaginário do mar largo. Claustrofóbicos no ventre pejado da viagem sobrevoamos as  
nuvens dançarinas e amanhecemos no coração metálico dos aeroportos repletos de olhares policiais e da  
indiferença dos passageiros e dos demais transeuntes da nossa insónia enroscada à clausura da ilha e à  
vigília do reluzente rasto do sonho dos companheiros habitantes da terra-longe ou pasárgada (terra  
longe e longínqua, de todos os modos)

Depois evanesce-se o rasto de evasão no rosto onírico dos que partiram e o evasãoismo afugenta-se com a solidão o frio a obesidade as fábricas o intenso tráfego nocturno dos meus companheiros radicados no norte. E são anti-evasionistas. E sentem saudades do chão mátrio onde se prosternam os nossos joelhos doloridos.

Sob a sombra da acácia na esquina da noite na esquizofrenia da ilha na inércia da pedra. Tal como os nossos companheiros que de há muito trilham os caminhos do norte.

Os meus companheiros radicados no norte sentem saudades. Sentem saudades do sul.

Que é longe. Que é terra-longe. Os meus companheiros são anti-evasionistas.

São terra-longistas. Querem evadir-se para o sul. E sonham com o sol e a acácia.

A acácia fica pairando sobre a pasárgada do norte (terra longe e longínqua, terra de acolhimento de todos os modos). A acácia fica gerando a vontade de evasão para o sul. A acácia fica parindo uma pasárgada situada a sul (terra longe e longínqua, terra de recolhimento em todos os modos).

Os meus companheiros são (i) emigrantes. Por isso sentem saudades.

Nós no sul resguardamo-nos do sol sob a sombra da acácia e ficamos a matutar no intenso tráfego nocturno dos nossos companheiros radicados no norte (pasárgada ou terra-longe, terra longe e longínqua de todos os modos).

Sinto-me só.

Sinto saudades dos meus companheiros que se evadiram para o norte (pasárgada ou terra-longe). Invade-me a saudade. Sou saudosista. Sou uma criatura da saudade. Dizem-mo os violões de todas as tardes, segredam-mo os violinos de todas as ilhas. Diz-mo a plangência relinchante da gaita e dos ferrinhos de sant' iago. Sodadi di piki' lion do birianda da infância. Da mãe-terra. Saudades de mim mesmo e dos meus companheiros que se quedam a norte.

Sinto saudades do norte desconhecido onde trilham os passos dos meus amigos ausentes. Sinto saudades do ignoto san francisco do norte. Sou saudosista. Sou evasionista.

Os meus companheiros, meus conterrâneos da mãe-terra, meus contemporâneos da pasárgada, sentem saudades do san francisco de cá, do nosso sul. São saudosistas. São anti-evasionistas.

Fincam os pés. No sonho rolam as saudades. Míticos lugares. Partida. A ilha prometida.

Não dura muito regressam os meus companheiros com as saudades. E inundarão o chão de acácia de intenso tráfego nocturno de obesidade e de solidão. E hão-de resguardar-se do sol e da solidão sob a sombra da acácia.

Não dura muito escapar-me-ei para o norte (pasárgada ou terra-longe, terra longe e longínqua em todos os casos). Integrar-me-ei no êxodo dos rostos. Negu. A transumância dos corpos. A plena sedentarização das almas livres e nómadas. A longa catarse na dança dos nervos. E hei-de sentir saudades. A heimweh. A dor a doer na fina corda que da alma faz coração. E só então serei terra-longista. Itinerante com as minhas saudades a minha angústia o meu wanderlust a minha obsessão de felicidade a minha ilha. A minha ilha edificada na terra-longe. Gueto. Trabalho e gueto. Crioulo e gueto. Cachupa e gueto. Lágrima e gueto. Navalha e gueto. Gueto e getu. Getu de rosto descoberto. Da descoberta da face escura.

Reconstrução do meu olhar na vasta diáspora. E lembrar-me-ei que da dispersão do sul da expansão do norte nasceu a primeira diáspora. Nascemos nós. Dos filhos da diáspora nasceu a ilha. O tráfico dos corpos. A deportação da alma. A penúria da esperança. O êxtase das crenças. Com a audácia dos navegadores. Com a calculista frieza dos negreiros. Com o fecundo silêncio das almas ressurrectas na expectante prostração dos escravos. Da itinerância da ilha (re) nasce a diáspora. Negu. O atlântico odor do sangue. O choro em ancestral exílio. Da porta sem retorno de goré à pia baptismal da cidade velha. Às índias ocidentais. O corpo traficado à deriva a ocidente. Depois o auto-exílio do corpo. Dakar. A procura do corpo. Conacry. A assunção da alma. Madina do Boé. Acocorados e cuspiendo saudades e enterrando o desânimo. A busca do paraíso a sul. Guiledje. A voz na retaguarda e as armas de fogo crepitando esperanças nas húmidas frentes de batalha. Envolta em espera da chegada da preia-mar. Expectante sobrevivendo na faminta saudade da ilha. O exílio. A anti-pasárgada. O enterro do corpo na sepultura do mar e da viagem. A busca do possível paraíso no lugar sagrado da utopia. Recoberto do



halo do regresso à mãe-pátria.

Saudade: a antiga e longa auréola de cristo. A permanência do arquipélago. Da diáspora lacrimarei saudades navegantes dos meus conterrâneos. Meus contemporâneos. Meus companheiros.

Resguardados sob a sombra das acácias e dos arranha-céus. Distantes da antiga inépcia da pedra.

## POEMAS DE ERASMO CABRAL DE ALMADA

### LEIPZIG

*ao afonso, ao rui évora, ao txikoza e ao ká,  
relembrando leipzig e os cabelos soltos do  
outro lado do muro*

Lâmpadas de lágrimas no  
tecto da cidade  
nervos e sangue nos braços das plantas  
prantos sobre os prados  
sobre os pardos contornos  
do ventre da cidade

Nervos névoas lâmpadas lágrimas plantas prados braços

Desilusão caminhando  
longe-louco dos sonhos  
flutuando infantis  
desvanecer do sorriso suplicando  
ferido sobre o alcatrão da auto-estrada  
tristeza no cifrão consternado  
de cada olhar lúcido em vidro  
violando a fraternidade do vento

Ainda assim os arbustos rumorejam  
os jardins corroem-se das cores estupefactas  
/das aves da primavera  
múltiplos canteiros de rosa tremeluzem ao vento  
serpenteando em consciências crepusculares  
vendidas a um claro e eterno céu  
vagueando no interminável vaivém do trem público

Lágrimas breves gotas de sangue  
coágulos de lâmpadas  
no luar dos olhos

Leipzig a cidade fatigantemente estrangulada  
e levianamente sorrindo  
em esperança congelada ânsia artificial  
no regaço verde do teu coração

Cidade lamparina  
em cântico nas minhas mãos ondulando  
qual bandeira qual guitarra  
sorriso e vestígio de mulher e amor

Cidade chovendo girassóis  
arco-íris dançando  
em plena noite em plena morte  
cidade de estrelas quietas

sobre o pulsar do teu corpo  
 Cidade múmia jazigo mortalha vaginas  
 contra-corrente dos sonhos de ontem  
 das mãos em vento  
 da pedra e do pão virgens  
 do mundo gargalhando  
 das flores dos meus lábios

ainda assim pássaros acordam-nos na madrugada  
     das manhãs estranguladas  
 prostitutas das fronteiras  
     das paixões relampejantes  
 sorriem sôfregas na solidão  
     da branca neve  
     do branco nervo  
     da branca violação  
 crianças bastardas  
     de cabelos crespos  
     de cabelos loiros  
     de cabelos desesperadamente negros  
 saltitam nas nádegas da cidade beijam o suor  
     dos caminhos cancelados  
 espalham-se pardas sob os passos dos homens-robots  
 retinem nos tímpanos da noite espantada  
 e afligem de esperança a praça plena de alucinações

Cidade cidade  
 cidade-desespero  
 cidade-madrugada  
 sonhos coagulados  
 ânsia de braços  
 no ângulo esquerdo da tua pupila  
 sobre a letargia da cidade

## FEDOR DOS RELÂMPAGOS

*pelo setembrino assassinato de Thomas Sankara*

Hoje és  
rebento de sangue  
jorrando  
do fedor dos relâmpagos  
que crepita  
da aleivosa e podre saliva  
das kalashnikovs

Hoje és  
folha moribunda  
no traído calendário das estações  
ressoando nos pregões dos mercadores  
do verde raquitismo dos sonhos  
ainda acampados neste  
setembro fétido  
do proverbial temor  
da já antiga segura

Solene e serena  
é a música  
que às portas de ougadougou  
irradia dos korás e balafons  
impregnando com réstias de alegria  
o coração do medo e da miséria

e carregando o quebradiço dorso de burkina  
como a um espectro virgem  
petrificado sob as acácias de yako  
e o sol insípido e impenitente  
dos decrépitos caminhos  
de costelas e caveiras esquecidas  
com o choro das carpideiras  
às portas dos cemitérios  
das ourelas do sahel

Passo a passo  
há-de o grito  
em ricto  
(serpente ignomínia  
ou outra qualquer  
substância do mijo)  
submergir-se  
nas cinzas da tua apressada sepultura

e corroer-se de riso  
no alucinante perigo  
incrustado nos tímidos sorrisos  
das crianças de faso...

### INCONGRUÊNCIAS III

1

as palavras fecham-se  
numa cápsula cinzenta  
sobre a cabeça de scharansky

e contudo  
o ar que expira txibita  
não tem química particular nenhuma  
e é incolor e dolorido

2

por isso  
txibita deixou  
de aspirar a brisa da beira-mar,  
o seu azul rumoroso

por isso  
txibita deixou  
de respirar as palavras dos outros  
e os seus alaridos  
entre as flores da praça grande

por isso  
txibita deixou  
de conversar com o alcatrão das ruas  
de conspirar com a esquizofrenia da cidade  
de cativar-se com a intimidade do fedor circundante  
de apiedar-se dos gestos compassivos das pessoas honradas  
de deslumbrar-se com os olhares circunspectos dos circunstantes  
de envaidecer-se com os risos trocistas das beatas e dos demais passantes

por isso  
txibita deixou  
de inspirar quaisquer noites  
de serenatas de musas ao luar  
ou de revoltas de mendigos

3

por isso  
txibita mais não faz  
do que afagar deleitado os cabelos crespos  
do seu crânio e do seu turbilhão de ideias

por isso  
txibita mais não faz  
do que se apressar  
nos sediciosos automatismos do silêncio

por isso  
txibita mais não faz  
do que se aprestar  
a acariciar o seu corpo

sem fronteiras sem limites  
sem margens sem dimensões  
por isso  
txibita mais não faz  
do que suste-se  
na trôpega dimensão  
da miséria

e txibita  
é apátrida na sua pátria c.v.

4  
o amor enclausura-se  
num tempo exausto  
em torno de scharansky e avital  
e dos seus lábios lacrados  
com nove anos de espera e de esperança

e txibita  
com a sua vívida ternura  
nem sabe das pontes  
que podem estender-se  
entre a agonia e o abraço  
de kiev a tel-aviv

e txibita  
com os seus alvoroçados gestos  
e txibita  
com os seus precários monólogos  
nem sabe das labaredas  
que se ateiam  
do gulague ao colonato

e txibita  
com a sua lívida carícia  
e txibita  
com a sua diária e introspectiva estupefacção  
nem sabe das vozes dissidentes  
que se extenuam nos incendiários clamores  
dos profetas dos apóstolos dos discípulos  
dos aguerridos inventores de povos eleitos

e devastam o silêncio as oliveiras as almas  
as profecias inúmeras e férteis de terra prometida  
e conspurcam o mel e o leite da terra santa  
o seu mar morto os seus lagos das tiberíades  
as águas exíguas do chão dividido  
das pátrias ensanguentadas da palestina

alimentadas na rememoração de adão de noé de abraão de  
moisés de jesus cristo de maomé  
condimentadas das revelações de gabriel  
e de outros arcanjos das promessas de canaã  
e de outras terras prometidas da judeia de israel  
da umma do reino de deus nas catacumbas nas preces

nas imprecações dos sionistas das irmandades muçulmanas  
 dos judeus ortodoxos dos nacionalistas árabes dos integristas católicos  
 dos cristãos renascidos fundamentalistas  
 dos apóstolos das cruzadas do holocausto da nakba  
 da intifada das almas endurecidas da jihad dos corpos  
 em chamas da incandescência dos corações  
 na busca do afago materno dos lares antiquíssimos  
 inscritos nas pedras sagradas  
 do muro das lamentações  
 do sepulcro de cristo  
 da esplanada das mesquitas  
 das suas estelas e necrópoles  
 das suas memórias indeléveis  
 suicidas assassinas...

## CIDADE VI

*a arménio vieira, jorge carlos fonseca, osvaldo azevedo,  
oswaldo osório, fernando monteiro, armando silva,  
daniel benoni, ludgero correia e filinto elísio correia e silva,  
observadores, amantes e críticos da cidade*

Nós temos uma cidade.

A nossa cidade nem sequer chega a ser nojenta.

A nossa cidade está de nojo.

A nossa cidade está de nojo pelos sobreviventes da cidade.

Estes deambulam circumspectos pelas ruelas de ponta-belém e pelo que sobreviveu das ruas de madragoa, de sá da bandeira, de andrade corvo, de serpa pinto, da república, de cândido dos reis, da horta, da moradia, oh!, pelas antigas ruas cinicamente sorrindo, transfi guradas e ainda aturridas sob as vestes e os nomes heróicos das placas toponímicas recém-colocadas.

Prosseguem pela pracinha da escola grande, constataam que, entre os canteiros descuidados e as flores devassadas, a mesma continua estranhamente ostentando o nome original do poeta de os lusíadas e a estátua em bronze do doutor lereo, ilustrativa das suas benemerências de médico humanista.

Continuam até à pracinha do liceu, descansam por momentos aprazíveis nos bancos dos jardins floridos e, maquinalmente, recitam os versos de camões ainda inscritos nos azulejos azuis exaltantes da expansão portuguesa e que estoicamente sobreviveram aos tumultos estudantis que se seguiram ao golpe de estado do 25 de abril de 1974.

Postam-se depois nos muros avarandados da cidade e lançam olhares tristes sobre a imensidão dos subúrbios. Planam o olhar pelas silhuetas de ponta-de-água, da achada eugénio lima, da achada grande, do paiol, da fazenda, de lém-cachorro, do castelão, da vila nova, da achadinha, de pensamento, de safende e de outros bairros postados contra a longínqua imponência das montanhas do interior da ilha e o translúcido e majestoso vulto do pico de antónio.

Tranquilizam-se e ao seu espírito inquieto deambulando imaginariamente pelos jardins do parque 5 de julho, complexo recém-inaugurado com enjoativas pompa e circunstância acompanhadas dos discursos heróico-cavalcantes do costume. Admitem a contragosto que o parque se tornou lugar emblemático da cidade, seu pulmão verde e centro de diversões nocturnas e de diurnos e apaziguadores multi-usos. Embevecidos, fixam-se nos perfis das suas duas casa padja, felizes recriações modernas e vagamente monumentais das antigas casas rurais cobertas de palha para a realização de colóquios, concertos, mesas-redondas, seminários e conferências internacionais, tão destes ofuscantes tempos, embebidos de petulância e de promiscuidade entre os filhos de gente antiga, branca e fina e filhos de pés descalços, enfatuados o quanto baste nas suas vestes e poses de doutores recém-licenciados em universidades comunistas dos países de leste.

Agitam-se, tomados de maus agoiros, com o pressentimento da breve decadência desse novo rosto da cidade e de outros novos rostos, como, por exemplo, o centro social primeiro de maio, o restaurante hong kong (obviamente de indecifráveis comerciantes chineses), todos marginando a avenida cidade de lisboa, de nome inegavelmente auspicioso mas construída, imagine-se, nas circundações dos bairros suburbanos da achadinha e da várzea e dos casebres do taiti.

Cidade de lisboa... quedam-se saudosos na silenciosa evocação das férias graciosas passadas ou imaginadas na capital do império e cogitam demoradamente na obstinação desses antigos combatentes do mato agora reciclados como sagazes salvadores da pátria por mor da sua astúcia na arrecadação das ajudas internacionais. Fogo fátuo, condenado à lenta extinção, profetizam pessimistas, por efeito do mero cansaço dos doadores internacionais, agora promovidos a parceiros estrangeiros do desenvolvimento, afinal meros substitutos dos congeminadores metropolitanos dos antigos planos de fomento que tantas escolas, estradas e postos sanitários trouxeram à província ultramarina. Afinal, meros sósias sem a glória da pátria e a grandeza do império!

Desistem de imaginar o burburinho que irá por achada de santo antónio, tira-chapéu (ou frouxa-chapéu, para os mais renitentes) e outros subúrbios das proximidades do mar, agora envaidecidos pela presença próxima da antiga placidez das moscas e das alimárias e das hortas miraculadas do palmarejo, de



símbolos do poder como o palácio da assembleia nacional popular, as embaixadas da união soviética, da china e de portugal, de vivendas e residências de ministros, juizes, directores-gerais, inspectores das finanças, auditores das alfândegas e outros altos funcionários do estado.

Dir-se-ia, pensam de si para si e nos subúrbios que se estendem defronte dos seus olhos indignados, um extenso mercado de candongueiros, um roque santeiro luandense ou um imenso acampamento de exércitos hititas prestes a invadir ménfis, tebas e outras cidades egípcias e a destruir a grandeza das suas pedras multisseculares e a magnificência das suas memórias milenares.

Atravessam a rua do hospital. Alguns dos sobreviventes da cidade encarceram-se no pavilhão dos alienados, dementes e possessos da quinta enfermaria do hospital central “agostinho neto” para sessões de consulta psiquiátrica e de meditação sobre o tempo e a cidade ou, melhor, sobre os tempos da cidade.

Conspícuos, os habitantes da cidade apresentam condolências ao quase-cadáver sorridente da cidade. As melhores condolências, asseguram, são as que se apresentam aos sobreviventes, as únicas vítimas de algum mérito e merecedoras de autêntica pena, escárnio que baste e muita condescendência. Afinal, verdadeiros mortos-vivos, são eles irrefutável memória e assídua presença das ruínas do futuro! Ah! os sobreviventes da cidade!

Nem sequer acreditam na ressurreição do seu lugar de natalidade. Espavoridos e insólitos, sentados na plácida e obesa comodidade das tocatinas e das conversas de fim de tarde nos bancos da praça grande, observam o crescer dos prédios, a abertura de novas avenidas, o calçamento de novos arruamentos (e, fantasiam, a asfaltagem e, extrapolam, quiçá a pavimentação artística de vias exclusivamente destinadas aos peões), a alegre devoração e as doces guerras dos festivais de música, a consonântica (mas, admitem, melodiosa) desfaçatez de alguns dos recém-chegados ...

Com um certo temor e muito a contra-gosto digerem o impudico abraço entre o plateau e os subúrbios. Por isso, declinam os convites para as inaugurações de empreendimentos turísticos e de modernas vias rápidas que, cogitam, pretendem unifi car as achadas, achadinhas, várzeas, colinas, encostas e ribanceiras numa, profetizam sarcásticos, cidade-menina do atlântico.

Meditativos, os sobreviventes da cidade revisitam os lugares da infância e, pressurosos, lamentam o entranhado lixo da cidade, a proliferação do comércio ambulante e das quotidianas feiras de bugigangas, a ruína de lojas tradicionais emblemáticas (como a casa serbam, a loja herculano, a casa feba, as galerias-praia), a caótica degradação dos bairros, o terramoto da miséria e do êxodo rural, a invasão dos bárbaros que, dizem, são os sampadjudos das as-ilhas, os badios de fora (das aldeias, dos cutelos e das vilas do interior da ilha), os cooperantes de carteiras recheadas e olhos claros omniscientes, os mandjacos (negros, animistas e muçulmanos da costa de áfrica), os comerciantes chineses que, escudados na monumentalidade do palácio da assembleia nacional popular na achada de santo antónio e no baixo preço dos produtos importados da sua ásia natal, vêm arruinado os comerciantes locais, não se coibindo sequer de se juntar aos rabidantes indígenas das ilhas e instar os mandjacos a irem para a sua terra, a regressarem às suas cubatas aldeãs e suburbanas...

Enfim, e para culminar, constataam consternados a negra veracidade do que os petulantes da cidade denominam a plena dakarização das ruas, das mentalidades, da cidade...

Em conversas segredadas asseveram que enquanto uns invadem os leitos das ribeiras e as encostas (como se pode verificar in loco na chamada embaixada (ou encosta) dos sampadjudos, sobranceira ao subúrbio das vila nova), e constroem bairros de barracas e casebres sumamente degradados em safende, vila nova, et cetera, et cetera outros ocupam a beira-mar e refastelam-se nas vivendas e outros rostos recentes e outros recantos antiquíssimos da capitalidade, remetendo os sobreviventes da cidade para a insignificância e a amnésia, para a triste irrelevância de moradores antigos e primeiros da capital, cidade cantada e vilipendiada como rochosa transfiguração da velha e antiga metáfora de cidade santa, urbe reiterada e secularmente mal-amada por alguns conhecidos forasteiros que nela e noutras reinam e todavia reivindicam....

Sentados no cruzeiro, os sobreviventes da cidade observam o mar e a sua possível transfiguração em trilho para o além, em viagem ou suicídio desde que represente uma forma definitiva de fuga ao corpo putrefacto da cidade.

Cidade despojada da praia negra e dos seus coqueiros e pic-nics, substituídos pelos dejectos da fábrica de cervejas e pelo cheiro nauseabundo dos tanques onde vão sendo experimentadas novas formas de energia renovável sem qualquer utilidade prática imediata ou visível.

Cidade despojada da memória do verde, dos pássaros cinzentos e do canto do bico de lacre no taiti e nas

antigas florestas circundantes do bairro craveiro lopes e da fazenda, para sempre extintas.

Sentados no cruzeiro, sob os auspícios e a ferrugem dos canhões antiquíssimos e a proximidade das conversas dos moradores dos apartamentos pequeno-burgueses dos prédios do ténis, os sobreviventes da cidade são tomados de um imperecível desejo de evasão da cidade carregada de vento, pó, ruas esburacadas e sobrepovoada de insolentes animais, racionais e irracionais, domésticos e exóticos.

Sentados no cruzeiro, os sobreviventes da cidade cogitam, utópicos e visionários, e ante os seus olhos configuram-se as imagens de uma longa avenida marginal estendendo-se, asfaltada, iluminada e movimentada, da gamboa, passando pelo porto, até à praia da mulher branca, com as devidas e modernas bifurcações para um mais moderno aeroporto internacional e os remodelados bairros de lém-ferreira, ponta- de-água e achada-grande-trás...

Pesarosos, os sobreviventes da cidade debruçam-se sobre as trucidadas flores da praça grande, das pracinhas da escola grande e do liceu adriano moreira (os sobreviventes da cidade recusam-se a pronunciar o novo nome do liceu, domingos ramos, guinéu e comparsa semi-analfabeto de, imagine-se, outros terroristas, ou de modo mais eufemístico, combatentes do mato, em boa hora neutralizados, como amílcar cabral, josina machel, eduardo mondlane, chico té, che guevara, justino lopes, jaime mota, ludgero lima e o ainda mais execrável kwame nkrumah...).

Crispados, os sobreviventes da cidade cogitam sobre a futura reposição da verdade dos lugares e dos seus nobres e pátrios nomes, como craveiro lopes, alexandre albuquerque, andrade corvo, serpa pinto, sem, obviamente, esquecer os heróis de mucaba...

Os sobreviventes da cidade rezam sobre as ruínas da cadeia civil e dos sobrados coloniais amarelecidos pelo tempo e pela decrepitude, os quintais de algumas casas térreas de persianas verdes, janelas envidraçadas e soalheiras meias-portas e outras casas típicas do planalto da cidade da praia, urbe outrora chamada de santa Maria da esperança e da vitória.

Os sobreviventes da cidade indignam-se com a transfiguração do planalto (recapitulam: capital de facto das ilhas de cabo verde desde o abandono da cidade velha em 1776 e capital oficial da província ultramarina desde 29 de Abril de 1858) em reles e francófono plateau de uma cinematografia, na qual a cidade se transmutou em mero figurante numa vilã miríade de subúrbios.

Os sobreviventes da cidade continuam deambulando pelas ruelas e constataam com alívio, orgulho e alguma vaidade que os moradores das casas mais modestas dos quarteirões mais pobres do planalto-capital recusam terminantemente a deportação para o longínquo bairro da terra-branca (branca de novos ricos indígenas e de cabelos loiros cooperantes, dizem sarcásticos) ou para qualquer achada, achadinha ou ribeira, todas flageladas pelo cinzento, pelo abandono, pelo caos, pelo despojamento de urbanidade, por todo o tipo de carências, pela ausência de qualquer memória urbanística e, sobretudo, pela irremissível circunstância de serem baxu-praia, abaixo da praia, sub-praia...

Os sobreviventes periféricos e suburbanos do planalto-capital preferem ser despejados. O cubículo ou a casa térrea de dois ou três quartos e muita promiscuidade não se salva, mas ao menos salvam-se a honra e a dignidade de indefectíveis praienses. Ocupa-se a praça e abre-se escritório de conversador na esplanada central da cidade, no restaurante avis ou no café cachito ou abanca-se como engraxador de sapatos na praça alexandre albuquerque (arremetem os auscultadores da cidade: mas a polícia nega-se a fazer reluzir as botas na praça “12 de Setembro”. Quando for o caso não há-de a polícia precisar de botas reluzentes. Abaixo o boato e a paranóia!)

Os habitantes da cidade estão de nojo. Pelos sobreviventes da cidade ou por si próprios.

Milhafres e vampiros debicando o cadáver da cidade.

Persistentemente. Diligentemente.

Os habitantes da cidade estão de luto. Pela cidade e por si próprios.

Cadáveres futuros sobre o corpo arruinado da cidade.

Irremediavelmente.

Dizia eu, nós temos uma cidade.

A nossa cidade e os seus habitantes nem sequer chegam a ser nojentos.

A nossa cidade e os seus habitantes estão aparentemente de nojo.  
Estão de nojo pela cidade e pelos sobreviventes da cidade.  
Magnanimamente.

## POEMAS DE ALMA DO FER CATARINO

### PRENÚNCIOS DO SILÊNCIO

1

Naufragado  
neste canto perdido  
da ressaca  
neste recanto da angústia  
ou quiçá da alma do mundo

esvai-se-me a egolatria  
por entre os bolsos esburacados:  
confiscada alegria  
cerzido ser  
porém vou indo  
sonâmbulo metamorfoseando  
os exorcismos do dia-a-dia  
em secas esperanças  
compenetradas de humidade

2

Choro  
de rosto enxuto  
os nus fins de semana  
a volúpia renegada  
o abismo da marijuana  
o proclamado mito da rotina  
a urina fedendo nas narinas  
o lívido deambular  
errante da compaixão

E lavo-me  
leve murmúrio  
entre as acácias  
como uma demente planta  
como uma premente flor  
no promíscuo alvor do dia

E conjuro-me  
como um turvo silêncio encalhado  
e esquecido  
entre as raízes da bruma

Choro  
de rosto enxuto  
e sei  
que não vale o rancor  
o meu ardor de todos os dias

Ardor-amor  
para além do bolor do dia seguindo  
impávido  
o traço das incógnitas

Na verdade  
não vale o rancor  
o odor do amor  
no ardor dos meus dias....

3

Aridez do dia sobre a  
página

A mosca  
de pernas postas observa  
pesarosa  
o frenético devorar dos poemas de caeiro  
pelo cinzento rato  
que habita  
os meus pesadelos de cal

## O DESTERRO DO POETA

*ao Arménio Vieira*

Num dia qualquer  
de junho ou março expulsaram-te  
da tua taverna predilecta!

Dizem  
consumias demasiado café  
(ah! essa tua mania  
de fazer o vagar do dia vogando  
a solidão  
recostado ao fumo teu e dos outros)

Dizem  
trazias a poesia para o  
coração  
dos marginais  
dos desesperados  
das vítimas  
da cidade e da rotina

Dizem  
enchias de vaticínios  
e de paradoxos  
a devassa nudez do silêncio  
dos écrans do cinema e da vida e de  
perdulários axiomas  
as tardes repletas de xadrez  
e da rispidez dos enredados nas  
incongruências  
do dia e do quotidiano

Mas  
- chateiam-se -  
porque enxertas a poesia  
aos estádios e a outras rotas circulares  
dos fanáticos da bola?

O poeta deve ser discreto  
e exemplar na sua pose austera mas tu  
-desesperam-se –  
dás trela aos que no futebol  
são os sábios dos sábios  
(e são quase todos os habitantes  
destas urbes e suburbes)  
e, lastimam cépticos,  
perdes o teu lato tempo  
pormenorizando os dribles  
discorrendo sobre as fintas deste e  
daquele jogador  
- afinal meros proletários  
da várzea da companhia  
ou, pior ainda,

de ribeirão chiqueiro!  
Sérios urbanos aconselham  
peremptórios e taciturnos:  
um poeta deve ser sisudo e  
sorumbático  
e exemplar na sua postura filosófica!

Mas tu  
- arrepiam-se - cabelos em  
desalinho  
em mangas de camisa  
as sandálias franciscanas desapertadas  
o peito ao sol e à bruma  
feito um incendiário marlon brando  
desalinhado e tropical seco discutes  
futebol  
e pagas bicas e água tônica  
a todos os que se vangloriam  
de serem cortesãos do teu condado

Será isso  
digno de um poeta ademais  
consagrado?

Por isso  
instaram-te a mudar  
o teu indeclinável percurso de  
todos os dias  
e proibiram-te de consumir café  
na tua irremediável taverna das  
tardes todas  
(diacho de poeta  
que não cumpre a sina da boémia  
e não consome nem scotch nem ceris!)  
e colocaram o teu assento predilecto num  
recanto da penumbra  
(agora aí se senta  
um velho funcionário reformado  
em matrimónio indissolúvel  
com o seu perceptível silêncio) Quando  
finalmente  
o teu poema saiu  
numa das revistas da cidade negaram-se  
a vender a revista  
e em magotes amontoaram-na  
com os restos de velhas publicações ilustradas  
e com os dejectos dos turistas alemães  
incomodados com a tua inconfundível conversa  
sobre a gramática o futebol e o non sense do quotidiano

*“Toda a “alienação estética” visa à desalienação histórica”*

*Virgílio Ferreira*

### **À SOMBRA DO SOL**

Deixou-me a minha sombra e  
quedei-me só  
congeminando os meandros da solidão  
sob a sombra do sol

Labirinto da angústia companheira  
da vigília vigilante dos meus  
pesadelos deixou-me a minha  
sombra

E quedei-me solitário tacteando a  
face do sol distante como o sonho



## NUNCA SE ATRASA A SAUDADE...

i

Nunca se atrasa a saudade  
semina na vigília a sede  
das águas antigas dessedenta-se  
na fonte do que já foi ou sonhara ser  
dissemina na crepuscular e nostálgica  
ardência dos dias sentados  
a exaustão da melancolia  
a fronte húmida do assombro  
a sombra erecta da solidão

ii

Nunca se tarda a saudade  
no seu entardecido escrutínio  
dos abismos e dos alvoroços da solidão  
fardo e lastro da turbulência  
compungida fremência dos sentidos  
ébrios prantos da penúria  
cicatrizada insinuação do paraíso  
das suas perdidas margens  
das suas soterradas abluções  
das suas suturadas feridas  
dos seus saturados enigmas  
das suas porosas interpelações

iii

Nunca se cansa a saudade  
nas suas contemplativas fulgurações  
entretecidas de tédio e de algum  
fulgor de mágoas e desolação  
sopro minucioso ressurreição  
do simulacro afinal simples missiva  
(provavelmente loira ou talvez mulata)  
numa tarde de um domingo  
que finda numa ilusão  
que tarda em finir-se



*Trolöse na trocolansa.*

**Mito Elias**

Técnica mista sobre papel. 15x21 cm. 2010

## MARGARIDA FONTES

**Margarida Filipa de Andrade António Fontes**, nasceu em São Filipe, na Ilha do Fogo. Fez os seus estudos primários e secundários na sua Ilha natal e parte dos estudos liceais na cidade da Praia. Licenciou-se em Comunicação pela Universidade Federal da Bahia, no Brasil. Exerceu funções de Chefe do Departamento de Produção e Programas e de Directora da Televisão de Cabo Verde (TCV). Actualmente, é jornalista do Departamento de Informação da TCV, e dedica-se também à produção de documentários de âmbito cultural. Ela produziu e apresentou as séries documentais *Monumentos e Sítios*, e *Claridade Incandescente*, este último sobre a modernidade literária de Cabo Verde. São também da sua autoria as séries *Cabo Verde Ambiente*, e *Grandes Temas Cabo-verdianos*.

Desde 2004 mantém o blog *odiaquepassa.blogspot.com*, onde escreve sobre cultura e jornalismo. Participou na Antologia de Poesia Inédita Cabo-verdiana *Destino di Bai*, 2008, e na colectânea *Amar com Amor*, ambas da ONG portuguesa Saúde em Português. Em 2010 participou com poemas inéditos no livro *I Encontro de Poesia entre Mulheres, Espanha – Cabo Verde*, organizado pela Embaixada de Espanha em Cabo Verde.



## CARNAVAL EM SALVADOR

*“Avant que les Destin jaloux ne te réduise en cendres»* Negros são os tambores desse cortejo

Negra esta parte de mim, aprisionada  
E calada em voz, que Olodum nenhum, Repõe  
ritmo à minha saudade ancestral... Negra esta  
poesia que desconstrói a tarde, A efusiva alegria  
que desfila, esta absurda Gana dos adjectivos de  
ver meus gemidos

Diluídas áfricas de fantasia, folia e folião...

A miséria largada nesse grande genocídio

O noticiário em jeito de fome e de guerra

E a alforria visceral habitada nas favelas...

O morticínio da raça na bolsa de valores

Esta castração crioula de ser negra a luz

E parte de mim os tambores desse cortejo...



## **AO LADO DE MIM**

No beiral da casa,  
de repente ,  
a pedra prata, tátil, luzidia.  
Tão leve olhar,  
a que tudo se destina...

## GOSTO

Gente que gosta de gestos meus  
... olha-os, imperceptíveis.  
Gosto de gente que ouve pequenos sinais  
Gente farol dos instantes  
Gente que aprecia o mar,  
... as ruas escuras,  
... e o silêncio.

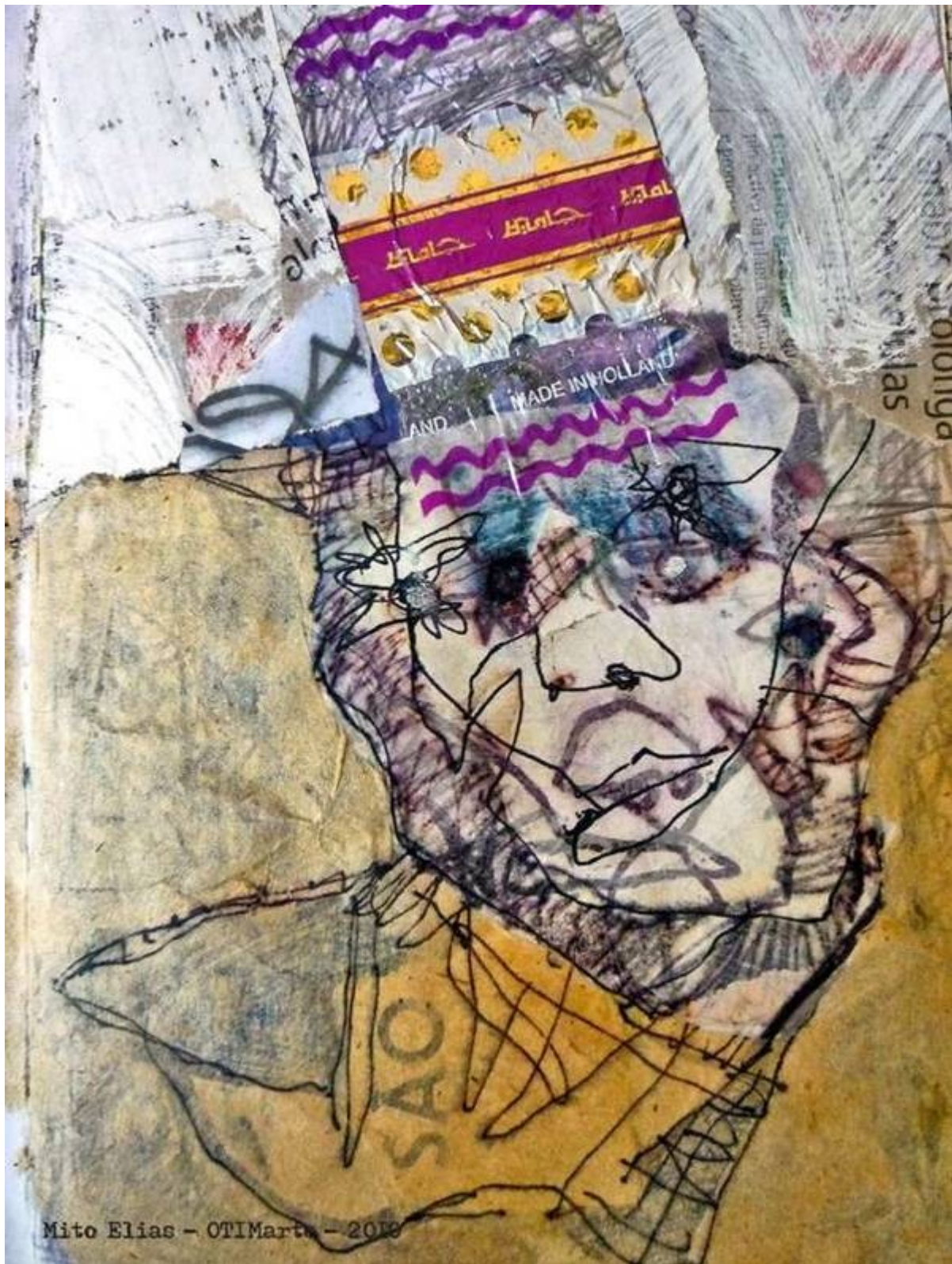
## **LUSOTOPIAS MIL**

Nem tudo é território, quando percorro os dias, Longas  
estradas sem destino, este descaminho.  
Nem tudo área marcada e sinalética de viagem, Viragem  
para um norte qualquer e Úrsula Maior... Nem tudo é  
fronteira em seu limite, zodíaco quase, Ficando a monte,  
longe, no improvável do tempo. Nem tudo se plasma em  
continente ou se esboroa  
Em côdea de ilhas, aqui em mim, lusotopias mil...

## **POETA QUE SOU**

Tem dias que estou botânica, afoita à flor, assim rosa. Tem dias que estou em doida, adormecida, de ambulante. Tem dias que estou radioactiva, átomos de versos, bomba. Animal, às vezes de lasciva, outras vezes em toca e troca. Mulher, que dentro me passeia, em sua estranha prosa. Poeta que se evade da matéria, em tanta pedra, sou eu. Poeta dos dias em que estou, afoita à dor, enfim rosa...





*Fatioticêra.*

**Mito Elias**

Técnica mista sobre papel. 15x21 cm. 2010

## MARIA HELENA SATO

**Maria Helena Caldeira Marques de Moraes Sato** nasceu em São Vicente. Mestre em Comunicação, é bacharel em Letras, com pós-graduação em Comunicação Social, Literatura e Comunicação Empresarial Internacional.

Fez especialização em Recursos Humanos e em Gestão do Conhecimento. É Master em gestão empresarial e tradutora pública e intérprete comercial (inglês, francês e espanhol).

Atua profissionalmente nas áreas de comunicação empresarial e de responsabilidade social corporativa.

Publicou em poesia “Bonsais e Haicais” (2000), “Faíscas” (2001), “Recados de Mulheres para os Homens que as Amam” (2002), “Farol” (2002), “Presente do Mar” (2003), “Caminho Orvalhado” (2004),

“Camaleoa – Poesia da Cidade (450 anos de São Paulo) (2004)”, “Cristais” (2005) e “Areias e Ramas”; em prosa, “António Januário Leite – O Poeta Além-Vale (escrito em parceria com Luís Romano); e em tradução, “As Sete Biorotas da Saúde, Bem-Estar e Longevidade (de J. Represas).



## **NOITE**

Foge a estrela  
do mar,  
refulge no céu  
outra estrela. Esquiva,  
cintila no mar,  
brilha  
onde não a posso alcançar.

## LÚDICA

Amanhece.  
Rio-espelho.  
A Lua alta  
parte  
seca  
sob o sol.

## ESPERA

Eram labaredas da tarde,  
soavam as ave-marias. Súbito  
grito calou-se recolheu-se uma  
foice apaguei o fogão  
era noite fria.

Uma oração me calou. Meu  
coração esperou. Esperou.  
Esperou.

Mas a manhã seguinte  
era ainda  
fria.

## NÃO-LUGARES

Busquei fotos, paisagens,  
campos, pastagens. Procurei.  
Mas era beleza sozinha,  
era o que eu não queria.

Pesca no mar

É quase des-saudade,  
de tão rotineira.

E é tanto o descaso da vida  
e tanto o acaso no mar, que a rosa  
dos ventos  
empurra  
barcos sem nome, sem mapa e sem  
testamento.

## VULCÂNICA

A montanha fecunda  
fermenta freme  
e arrebenta.

Ninguém a viu grávida.

Rugido no mar, Nasce  
uma ilha.

Quadro

Tintas  
na mão.

O pintor, sem casa  
onde morar.

Título: Miragem.

Nus sobre tela

Nus, jamais. Como flores  
resguardados,  
em si  
calados,  
escondem sua história.  
A nudez os reveste  
de enigma.

## COINCIDÊNCIA

Reescrevo na areia tua  
história  
releio tua sorte no  
mar...  
Ondas distantes  
a lembrar  
e o mesmo mar a  
apagar!



## NATURAL

Toda natureza é morta no  
quadro.  
Redundante, pleonasma,  
é negar outra vez a pulsão detida de  
frutas peixes guitarras e flores  
pintadas  
com tintas telas pincéis.

Arte da natureza  
são meus anseios  
que crescem.



*Papo Bento.*

Mito Elias

Técnica mista sobre papel. 15x21 cm. 2010

## MARIO LUCIO SOUSA



Fundador e líder do grupo musical Simentera, que marcou a viragem da música de Cabo Verde para o acústico e reivindicou a cultura continental africana como elemento da identidade cultural caboverdeana. As suas concepções valeram-lhe o convite do Governo caboverdeano para ser Assessor do Comissariado para a Expo/92 e Autor do Projecto musical de Cabo Verde para a Expo Sevilha 92 e Lisboa 98. Multi-instrumentista e arranjista de vários álbuns de solistas caboverdeanos.

Fundador e Director da Associação Cultural Quintal da Música, cujo Centro Cultural Privado trabalha na valorização da música tradicional e no acesso das crianças à aprendizagem e à promoção dos seus talentos.

Compositor, membro da SACEM (Société française des Droits d'auteur), com temas gravados por Cesária Évora, Lura, Mayra, e por artistas estrangeiros, designadamente da Itália. É compositor permanente da companhia Raiz di Polon, a única formação de dança contemporânea do Arquipélago. Compôs a banda sonora para a peça de Teatro “Adão e as

Sete Pretas de Fuligem”, de que é também autor, encomendado pelo Porto Capital Europeia da Cultura, encenado por João Branco. Fundador do Fesquintal de Jazz, Festival Internacional de Jazz de Cabo Verde. Já fez concertos nos Estados Unidos, Brasil, França, Alemanha, Suécia, Finlândia, Noruega, Austria, Senegal, Ghana, Mali, Mauritânia, Portugal, Suíça, Eslovénia, Grécia, Espanha, Luxemburgo, Bélgica, Itália, Roménia, Inglaterra, China e outros.

Gravou em França (Com o Grupo Simentera) o CD Tr’adictional, seu projecto musical sobre a mestiçagem e que conta com a participação do camaronês Manu Dibango, dos senegaleses Touré Kunda, do brasileiro Paulinho Da Viola, e dos portugueses Maria João e Mário Laginha.

Estudioso das músicas tradicionais, entre elas a música vocal dos Rabelados. Em 2004 gravou o seu primeiro disco a solo intitulado “Mar e Luz”, que conta com a participação de Gilberto Gil, Leo Gandelman, Luís Represas e Mayra Andrade. Em 2006 lançou o seu disco live Ao Vivo e aos Outros: Badyo é seu terceiro álbum e Kreol o quarto a solo.

### Literatura

É autor das seguintes obras: Nascimento de Um Mundo (poesia, 1990); Sob os Signos da Luz (poesia, 1992), Para Nunca Mais Falarmos de Amor (poesia, 1999), Os Trinta Dias do Homem mais Pobre do Mundo (Ficção, 2000 – prémio do Fundo Bibliográfico da Língua Portuguesa, 1ª edição), Adão e As Sete Pretas de Fuligem (teatro, 2001), Vidas Paralelas (romance, 2004) e O Novíssimo Testamento – e se Jesus ressuscitasse mulher (romance, 2010). É também autor de diversas peças de teatro encenadas em Cabo Verde e no estrangeiro.

## **POEMAS DA AUSÊNCIA DESMEDIDA**

O Sol, ordem de todas as manhãs  
A Lua, que não nos viu ontem  
O dia, que não sabe de nós  
O Mundo, sem saber de nada  
marcam suas presenças na nossa mente  
mente que criou o Sol, a Lua, os dias e as manhãs  
No meu coração  
cheio de tudo, porque sabe tudo, tudo  
espera para ser  
tão cedo apareças.

Vem me buscar Vem  
me trazer vem me dar  
vem receber vem me  
achar vem me perder  
vem te perder vem te  
dar  
vem te achar vem te  
trazer

Vem me levar vem me  
lavar vem  
vem me sorrir  
vem me chorar  
vem  
vem me entrar vem te  
entrar  
vem te fundir  
porque sou pela metade enquanto isso...

Te amo ao meio dia  
como há meio-século  
quando ainda não te conhecia.

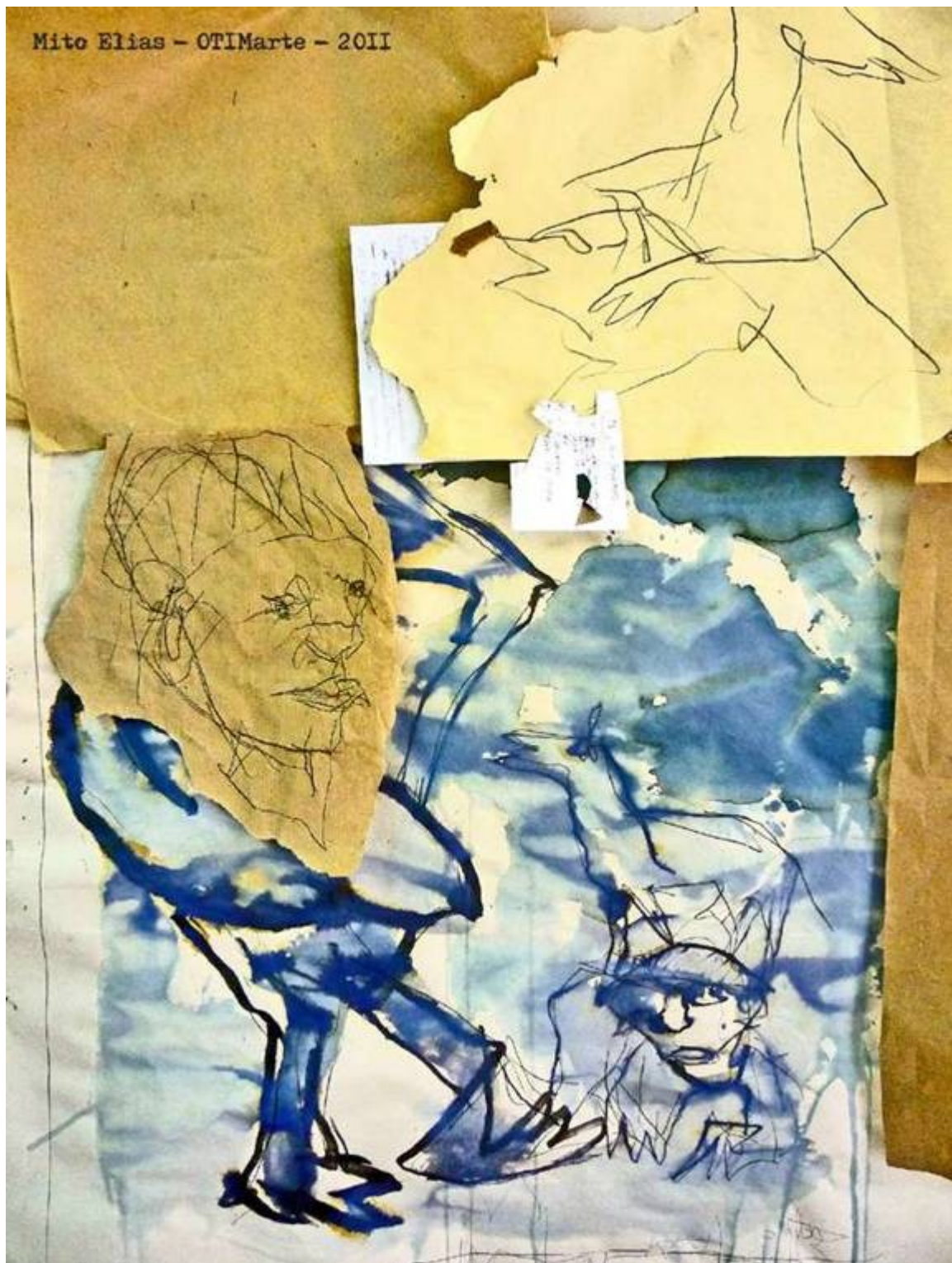
14/01

Quando é que uma asa sozinha  
 fará uma borboleta, quando?  
 quando é que um lobo  
 só pele  
 fará o medo de toda selva, quando?  
 quando é que o ímpar sózinho  
 se dividirá redondamente por dois, quando?  
 quando é que o beijo sozinho  
 se dará em própria boca, quando?  
 quando é que o pensar sozinho  
 se fará acompanhado, quando?  
 quando é que a roda sozinha  
 andará os caminhos todos, quando?  
 quando é que um peito sozinho  
 se chamará seios meus, quando?  
 quando é que o bravo sozinho  
 brigará com a silhueta, quando?  
 quando é que eu sozinho  
 poderei escreverei versos, sem ti, quando?

20/01

Sem você  
o ar desmaia e rasteja e todo o vento é pó  
Sem você  
tenho pena das flores que murcham ao revés  
Sem você  
guardam os dias suas tardes de sol cego  
Sem você  
dormem as estrelas e chora a lua de tédio  
Sem você  
o que é lindo continua lindo  
porque nada é feio quando de você falo mesmo  
sem você





*Prólogo pa tchibisco.*

**Mito Elias**

Técnica mista sobre papel. 100x150 cm. 2011

## OSWALDO OSÓRIO

Oswaldo Osório é o pseudônimo literário de **Oswaldo Alcântara Medina Custódio**. Nasceu no Mindelo a 25 de Novembro de 1937. distingue-se como poeta e contista, sendo um dos fundadores do caderno de cultura do Notícias de Cabo Verde, Seló.

Foi director do "Suplemento de Poesia dos Anos 80", Voz di Povo, co-fundador de Seló – Página dos Novíssimos, onde iniciou a sua actividade como poeta e prosador.



Publicou os livros “Caboverdeanamente Construção Meu Amor” (1975), “Cântico do habitante. Precedido de Duas Gestas” (1977), “Clar(a)idade Assombrada”, “Os loucos poemas de amor e outras estações inacabadas” e “A Sexagésima Sétima Curvatura”. Em prosa: “Cantigas de Trabalho – Tradições Oraís de Cabo Verde”, “Emergência da Poesia em Amílcar Cabral (ensaio) e Nimores e Clara & Amores de Rua” (romance). Colaborou em diversas publicações, como “Alerta”, “Vértice” e “Raízes”. Está presente em várias antologias de literaturas africanas.

## SIGNO POÉTICO

só tu podes tapoé chorar  
desconsoladamente  
sobre a campa de tua mãe ainda viva

acenar um adeus a cada amigo que não vai partir de ti  
mesmo dizer coisas abomináveis  
ou ternamente infantis

insistir em ser tratado por tapoé elevar-  
te como um deus  
ou humilhar-te como um anacoreta

brandir o cilício enfeitado de penas de pavão como  
símbolo do teu nascimento  
anterior a tudo

dizer ao mundo que o fim do fundo é o fundo do fim regressar  
por todos os caminhos  
por que não andaste nunca

serenamente lavar-te com vinho  
enquanto preparas a tua única refeição de pétalas  
esmagadas com leite de cabra preta

dos louros que porventura justamente mereceres destilar o  
filtro da gratidão  
que distribuirás aos carecidos de humildade

(mas os diplomas e outras honrarias  
manuscritas impressas a ouro ou em fino pergaminho neles  
limparás o cu)

consolar os pobres deste mundo  
e com eles repartir o teu pão:  
teu leite azedo e tuas papas de sucos de ervas

levar ao tribunal da Humanidade os crimes  
e as mentiras que são milhões

mas sobretudo compreender o teu tempo como nenhum e por  
isso loucamente o amar

## JARDINEIRO AGUERRIDO É O MEU NOME

nenhuma árvore de grande porte ou madeira rara:  
alguns coqueiros e pés de banana só  
esse milho algum seu sangue e leite de cabras

nem rio de lama ou lagos de chuvas nenhum  
gigante ou semideus:  
coração grande só

nenhum manto verde nos ermos pelados de altos muros:  
a esperança só

nada: só o céu ingrato ao alto e o mar amigo em volta mas de

colher à boca o jardineiro arregaça as mangas  
de manhã à noite  
e fecunda na boca do cabo o verde por colher

sua quarta de terra  
seu cercado de pasto  
sua sombra de acácias seu lago  
de água ou  
seu rio de chuvas

jardineiro aguerrido é o meu nome e é assim mesmo cavo a  
terra submetendo-a ao meu suor total  
e o meu desejo dela se assenhoreia no verde que vai nascer

da colher à boca  
no cabo das ilhas do meio do mundo

## O PÁSSARO NA RETINA

ó arm...  
 por que a retina dos homens vê com outros olhos o  
 pássaro desta manhã  
 que o nosso sopro comum alimentou  
 nas forjas ocupadas pelos deuses guerreiros que  
 subiam do ocidente?

Porquê ó cantor de sol sal e amor e hoje tambor?

Ó vid...  
 Por que a pastorícia entre pedras e gravetos de hera  
 Medrou ilha a ilha e o trovador se calou  
 Se era sonho que liberta o corpo resistente?

Porquê ó poeta aguerrido?

Ó taca...  
 O lírio onde ficou?

Ó mar...  
 Os tempos da china mordem caminhos!

Ó var...  
 Varão ilustre que cavalgas o dorso do mundo  
 Nosso epos após ti!

Ó one...  
 I feel two or three like you arent enough  
 Para a recuperação da palavra!

Ó zon...  
 Estia e cantores tamboreiros vagabundos do mundo  
 Tudo tudo de(lira)  
 E ninguém ninguém vê o pássaro com os mesmos olhos!

Ó kond(é)  
 Quando esse pássaro livro e igual no ladrilho da nossa retina?

## **AOS MEUS FILHOS**

Quando eu nidificava e  
amando eu sonhava  
o que na terra eu plantava  
vôo futuro se chamava Voando  
um dia os frutos é como se eu  
voasse tolhidos nos seus redutos  
é como se eu morresse

## **CONSTRUÍ MINHA VIDA**

construí minha vida com  
muita alegria  
e rebeldia  
múltiplas águas  
e mulheres no percurso

no transcurso sonhos  
porque se tudo não é sonho não tem  
sentido a vida  
com alegria ou rebeldia

## **A UMA MENINA DA MINHA INFÂNCIA**

fui poeta a tempo inteiro  
ousei quanto ousa o oleiro

nunca me seduziu o ter mas  
apaixonou-me o ser

nunca nada consegui ter mas sendo  
consegui vencer



## O EQUILIBRISTA

que sabemos nós famosos equilibristas sobre a  
bola que rola gira e desliza  
(com ou sem destino) no espaço infinito  
e nos arrasta outros astros acompanhando  
enquanto dentro lava fogo magna ardente lava?

sonho e fantasia delírio premonição sabedoria incerta são de  
repente reais como o equilibrista  
Espectador e actor do espectáculo que achou começado desde que  
houve Mundo Vida  
tudo se tornou possível:  
até a procura do empresário  
que nas vésperas de fim do século e do milénio  
ainda não veio pedir contas da qualidade do espectáculo  
mas vai transformar o palco do mundo  
que rolando

girando

desliza para o Futuro  
um dia neste ou noutros milênios o encontrará

**GNOSE**

vivemos dos mortos e não nos damos conta  
mas da herança que nos deixaram só amamos a usura e o opróbrio  
e deste chão não brota o sonho doirado de que somos todos devedores de todos  
empedernidos ausentes do real roemos as unhas de incerteza  
o rosto voltando à nossa torpeza  
nós que somos construídos e construímos

talvez um dia desconstruindo saberemos como o  
mundo e nós se construíram  
e de frente com o espelho que nos reflectia enganos  
despedaçado às nossas mãos  
a realidade apareça inteira ao nosso espírito remoçado

## HOLANDA

1

Holanda!  
Chegámos companheiros!  
Chegámos com barcos guildas nos olhos e desejo de vencer

Chegámos intermináveis e actuais  
às docas  
betão aço cargueiros e braços precisados  
Chegámos numa dimensão nova  
e poremos todo o nosso esforço!

Fogueiros  
marinheiros  
lubrificaremos máquinas  
alimentaremos caldeiras betumaremos  
conveses  
poremos sóis nos amarelos.

Nos bas-fond dos portos do mundo loiras  
desconexas no espasmo novo. Rítmica  
descompostura...!  
Sensual olhar tropical verde olhar  
felino  
o espasmo quente esbate!

2

Nas docas, companheiros!  
Barcos guildas nos olhos e desejo de vencer!  
Chegamos intermináveis e actuais  
às docas  
betão aço cargueiros e braços precisados  
e pusemos todo o nosso esforço!

Pusemos esperança na nórdica revelada  
a cada barco chegado...  
... Os que partiram  
na leva do Eppo Nederland!...

Os que ficaram  
acenando  
cada barco rumo ao mar  
(jovens aventureiros da promessa do mar)  
a Esperança levou-os fogueiros  
marinheiros...



*Mi gó.*  
**Mito Elias**  
Técnica sobre tela. 81x110 cm. 2010

**PAULA VASCONCELOS**

**-paula-** é **Paula Vasconcelos** que é **Paula Virgínia Andrade Vasconcelos Lopes**. Nasceu em novembro de 1966, na Freguesia de Nossa Senhora da Luz, na ilha de São Vicente, em Cabo Verde. Começou a escrever poesia e prosa aos 9 anos de idade. Fez jornais de escola, participou em programas de rádio, publicou no Voz di Povo, Sopinha de Alfabeto, Folhas Verdes, Ponto & Vírgula. Começou a tirar fotografias aos 13 anos. Estudou medicina em Lisboa onde também fez a especialidade de Saúde Pública. E continuou a escrever prosa, poesia e crónicas no jornal O Cidadão, A Semana, Artilheira, entre outros. Tem viajado e trabalhado em vários países do mundo, mantendo sempre uma ligação umbilical à sua ilha de origem. Continua a escrever e a tirar fotografias. Actualmente vive na parte mais luminosa da cidade de Lisboa. E olha. E escreve. Com uma câmara de bolso e uma caneta azul. Quando calha.

## **DO FUNDO DO CHÃO**

Dispo uma a uma as  
vozes  
de um inverno mais profundo.  
Revelo e relevo  
a quase vegetal  
o que em entranhas  
areais e planícies  
marcou a água e o vento deste  
chão  
nem meu nem teu.

-paula-

7 Março 2011

## **PARA ALÉM DA PALAVRA**

Encaro-te com grandes letras  
mesmo na pequenez do meu território.  
Hoje eu sei que nem a forma nem o símbolo são  
sentimento.

-paula-

17 Fevereiro 2011

## **PARA ALÉM DE TI**

Vou-te guardar assim  
que nem o som de borboletas sobre papel.  
A taxonomia das tuas historias. A tinta  
azul dos teus sonhos  
em maquinarias de voos  
as palavras aladas na tua  
boca.  
E o flutuar das águas à beira de um desejo.

-paula-

10 Fevereiro 2011



## HARMATTAN

Chegaste tu poeira em  
bruma secando o ar  
e quase o mar.  
Armo um barco para te enfrentar estiro  
cordas e velas  
e sem falar  
a navegar  
me fico.

-paula-

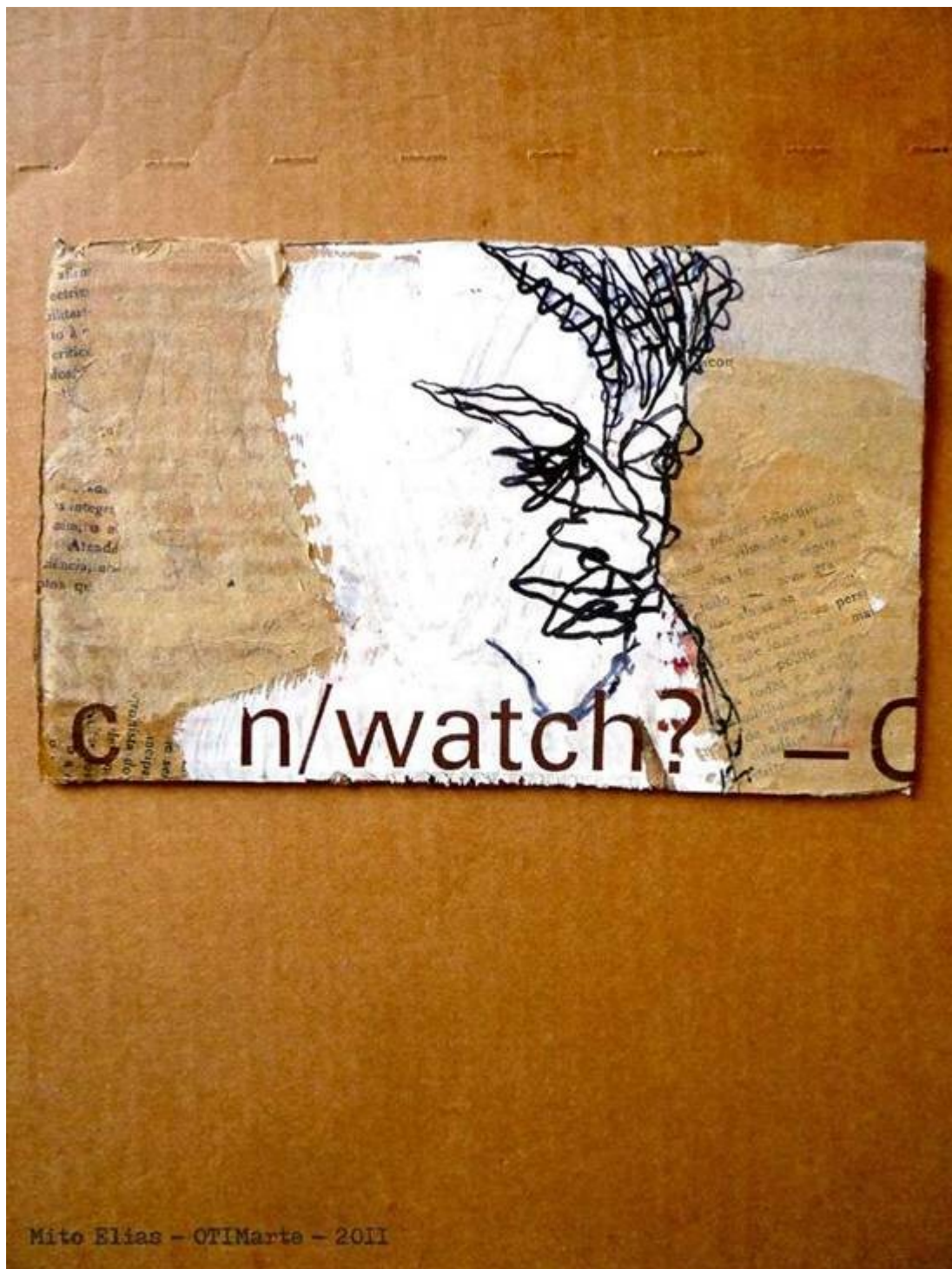
14 Janeiro 2011

## AS PALAVRAS

Sobre a esquina do teu sonho  
a morte dos capítulos  
a reinvenção dos livros  
um abraço infinito  
o medo e os fantasmas que se vão com as  
historias emprestadas.  
E entre mãos  
a leve textura das palavras.

-paula-

5 Dezembro 2010



*Mediangel.*

**Mito Elias**

Técnica mista sobre cartão. 21x30 cm. 2011

## VASCO MARTINS



Compositor, pianista, guitarrista, poeta e investigador da música cabo-verdiana, **Vasco Martins** nasceu em Portugal em 1956, filho de pai cabo-verdiano e mãe portuguesa. Aos nove anos viaja para S.Vicente, em Cabo Verde, juntando-se à família paterna. É onde até agora vive e cria a sua obra musical.

Estudou em Portugal com o compositor Fernando Lopes Graça (79-81) e em França com o compositor e chefe de orquestra Henri-Claude Fantapié (81-84).

De retorno a Cabo Verde (1984), compõe a suite sinfónica 'Danças de Câncer' e começa a escrever a série das nove sinfonias que constituem a essência da sua obra musical, além de inúmeras peças que abarcam a música tradicional de Cabo Verde, *sound design* para sintetizadores, música electro-acústica, EM music, improvisações, canções, peças para orquestra de cordas, peças para guitarra clássica, estudos musicológicos sobre a morna, a cantata 'Lágrimas na Paraise', peças para piano solo, violino e orquestra de cordas. Efetua concertos de piano e guitarra acústica.

Gravou mais de vinte álbuns.

Livros de poesia: 'Universo da ilha' (1986), 'Navegam os olhares com o voo do pássaro' (1989), 'Run shan'(2008).

Poesia publicada na Net: Deserto do Sul – [desertodosul.blogspot.com](http://desertodosul.blogspot.com)

Site: [www.vascomartins.com](http://www.vascomartins.com)

## A CANÇÃO DE UM MESTRE DO SOM

Sou um mestre do som  
 Ouço o vento  
 Ouço o vento por entre as rochas vulcânicas  
 Ouço o vento sussurrando sobre as ervas  
 Ouço o canto dos grilos à tardinha  
 Ouço o canto vertical das calhandras raras  
 Celebro a noite sideral tocando singing bowls do Nepal  
 Ouço o canto das águias-do-mar  
 Conheço todos os cantos das águias-do-mar Ouço o  
 assobio virtuoso de um pastor de cabras Ouço o white  
 noise do oceano  
 Procuro fonolitos toco neles percutindo pedras  
 Ouço o misterioso canto dos pássaros nas falésias nocturnas  
 Ouço o pink noise da trovoadá seca  
 Ouço a canção do meu ser  
 Ouço o sussurro do magnetismo terrestre  
 Sou um mestre do som  
 Ouço a canção do teu ser  
 Ouço os harmónicos da minha cana de bambu sibilando com o vento  
 Componho em mim a generosa sinfonia do mundo  
 Intraduzível nas pautas  
 Suficientemente audível  
 Como o adejar das asas de uma borboleta  
 Como uma borboleta voando por cima das vagas  
 Como o inconstante silêncio das nuvens  
 Sou um mestre do som  
 Ouço o vento  
 Ouço o vento por entre as rochas vulcânicas  
 Ouço o vento sussurrando sobre as ervas  
 Ouço o canto dos grilos à tardinha  
 Ouço o canto vertical das calhandras raras Celebro a  
 noite sideral tocando singing bowls Do Nepal  
 Ouço o canto das águias-do-mar  
 Conheço todos os cantos das águias-do-mar  
 Ouço o assobio virtuoso de um pastor de cabras  
 Ouço o white noise do oceano  
 Procuro fonolitos toco neles percutindo pedras  
 Ouço o misterioso canto dos pássaros nas falésias nocturnas  
 Ouço o pink noise da trovoadá seca  
 Ouço a canção do meu ser  
 Ouço o sussurro do magnetismo terrestre  
 Sou um mestre do som  
 Ouço a canção do teu ser  
 Ouço os harmónicos da minha cana de bambu sibilando com o vento  
 Componho em mim a generosa sinfonia do mundo  
 Intraduzível nas pautas  
 Suficientemente audível  
 Como o adejar das asas de uma borboleta  
 Como uma borboleta voando por cima das vagas  
 Como o inconstante silêncio das nuvens

## **6 HAYKUS ESCRITOS NUMA PEREGRINAÇÃO PELA ILHA DEPOIS DAS CHUVAS DE SETEMBRO**

Brisa da manhã por cima das ervas música  
sussurrante

Saudando a terra molhada os grilos cantam  
ao meio-dia

Tecto em ruínas dois descontraídos corvos  
penteiam-se ao sol

Repentinamente andorinhas num aih!  
Já não estão

Em namoro as borboletas deixam-se ir ao sabor  
do vento

Caminho difícil: hesito...já vejo uma ponta do mar!  
É só ir: vou!

## RASCUNHO MUSICAL

Para terminar:

mare Oceanus-sinfonia 9

◁mf(sempre)

flautas agudas na parte média dos cobres

crescendo final depois das duas flautas dois

minutos

aproveitar ff da parte intermédia evoluir

os acordes

mare Oceanus:

pureza energia

movimento

## **MONTE VERDE!**

Já dormi em cima da tua terra limpa-macia! Celebro-te!  
Perto de ti não mais tenho dúvidas!

Que muitas gerações ainda celebrem a tua beleza. Que te  
protejam dos homens e das cabras. Continuarás então a  
limpar a alma  
Dos que sentem o apelo das brumas e do silêncio.





*Len di Li*  
**Abraão Vicente**  
Técnica mista.

## VERA DUARTE

**Vera Valentina Benrós de Melo Duarte Lobo de Pina (Vera Duarte)** nasceu em Mindelo, S. Vicente. É Juíza Desembargadora, exerceu até Março de 2010 as funções de Ministra da Educação e Ensino Superior, foi Presidente da Comissão Nacional para os Direitos Humanos e Cidadania, Conselheira do Presidente da República e Juíza Conselheira do Supremo Tribunal de Justiça.

Licenciou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Clássica de Lisboa, tendo posteriormente feito formação em Magistratura Judicial no Centro de Estudos Judiciários de Lisboa, Portugal.



Profissionalmente desempenhou ainda os cargos de Procuradora da República, de Directora Geral dos Assuntos Judiciários, de Directora Geral de Estudos Legislação e Documentação do Ministério da Justiça, de Membro do Conselho Superior da Magistratura Judicial.

Ao longo da sua carreira tem vindo a integrar organizações nacionais e internacionais ligadas ao Direito, aos Direitos Humanos, à Mulher e à Cultura. Foi Comissária Africana e Vice-Presidente da Comissão Africana dos Direitos do Homem e dos Povos, membro e Membro do Comité Executivo da Comissão Internacional de Juristas, membro do Comité Executivo do Centro Norte-Sul do Conselho da Europa, Presidente da Associação Cabo-verdiana de Mulheres Juristas, membro da Federação Internacional das Mulheres de Carreira Jurídica, membro da Organização das Mulheres de Cabo Verde (OMCV), Presidente da Associação de Escritores Cabo-verdianos, entre outros.

Como escritora, estreou-se na publicação com a obra poética *Amanha Amadrigada* (1993), a que se seguiram *O Arquipélago da Paixão* (poesia, 2001), *A Candidata* (Ficção, 2004), *Preces e Súplicas ou os Cânticos da Desesperança* (poesia, 2005), *Construindo a Utopia* - temas e conferência sobre direitos humanos (ensaio, 2007). Tem também variada colaboração em prosa e poesia em jornais, revistas e obras colectivas nacionais e internacionais. Destas cabe destacar entre outras: *Across the Atlantic: An Anthology of Cape Verdean Literature* (poesia, 1988), *Cabo Verde, Insularidade e Literatura* (prosa, 1998), *Vozes da Cultura Cabo-Verdiana* (prosa, 1998), *Mirabilis de Veias ao Sol* (poesia, 1998), *Antologia da poesia feminina dos PALOP* (poesia, 1998), *Palavra de Poeta* (prosa, 1999), *Na Liberdade* (poesia, 2004), *Tchuba na Desert* (contos, 2006), *Destino de Bai* (poesia, 2008) e *Portuguesia Contraantologia* (poesia, 2009). A sua obra tem sido objecto de estudos e teses de Mestrado e Doutoramento em Universidades Estrangeiras.

Em reconhecimento da sua actividade profissional, cultural e cívica foi distinguida, entre outros: condecorada com a medalha **Ordem do Vulcão** pelo Presidente da República de Cabo Verde, no âmbito do 35.º aniversário da independência nacional (2010), condecorada com a medalha de **Mérito Cultural** pelo Primeiro Ministro de Cabo Verde no âmbito do 30º Aniversário da Independência de Cabo Verde (2005), a distinção Divas de Cabo Verde (2008), o Prémio Norte-Sul de Direitos Humanos, do Centro Norte-Sul do Conselho da Europa (1995), a distinção Máxima em pioneirismo feminino (1995) e foi incluída no *The World Who's Who of Woman* (1984 e 1986) e no *International Register of profiles* (1985).

Com a sua obra de estreia na escrita de ficção recebeu em 2003 o Prémio Sonangol de Literatura (Angola). Em 2001 o conjunto da sua obra poética foi distinguido com o Prémio Tchicaya U Tam'si de Poesia Africana (Marrocos). Em 1981 conquistou o 1º Prémio no Concurso Nacional de Poesia (Cabo Verde). E em 1976 obteve Menção Honrosa no Concurso Nacional de Poesia em Comemoração da Independência Nacional.

Tem sido conferencista a nível nacional e internacional sobre temas ligados aos Direitos Humanos, à Mulher e à Cultura.

Setembro de 2010

**Vera Valentina B. M. Duarte Lobo de Pina (Vera Duarte)** Juíza Desembargadora

## **MOMENTO IX**

### **(mensagem ao próximo milénio que já não tarda)**

De regresso ao lar, já cumprida a insuperável dualidade do meu ser essência aparência, quotidianamente exausta, a minha única vontade é deixar-me cair – inerte – sobre a cama e, sem despir o camuflado que me impõe a minha condição de guerreira...

Perder-me.

Despir-me sim desta loucura que me rói e dói. Afinal a imagem sedutora daqueles que nos circundavam não trouxe genuínas emoções, pureza original, aquilo com que contávamos. E, com o olhar naufragado em desamparo e solidão, continuei carregando a minha paixão, apesar das juras nocturnas de que amanhã a compartilharia.

Despir-me sim do odor camuflado das coisas e do ar que sufocadamente me cerca. Sinto-me perseguida. Sem razão aparente mas perseguida. Ter-me-ei esquecido que a mancha que permanentemente acompanha meus passos é apenas a minha sombra e não um qualquer processo persecutório movido não sei por quem, movido não sei por quê?

É esta paixão que não me deixa friamente analisar, dissecar, asseptizar. Como é do meu gosto. E como é linda esta folha de papel que nervosamente vou cobrindo de pequenas formas arredondadas que talvez morram no caixote de lixo mais próximo ou levem ao próximo milénio a mensagem do milénio mil, rica e sinuosa, vermelha como um grito, injusta e sombria, mas, acima de tudo, MULHER.

## EXERCÍCIO POÉTICO 5

### A Ti

Fechemos as cloacas fétidas da cidade e deixemos inebriarem-se os ares de recendidos perfumes estivais. É o preço da liberdade. Palmeiras ao sol e longas longas praias de areia molhada a manterem desperto o fervilhar anímico das paixões. A voz da libido. Em toda a sua violência incontrolável.

No entanto sublimar é palavra d'ordem. Sublimar aqui e agora o desejo da presença, da intimidade, do isolamento a dois. Mutilar a alma, sacrificar as paixões em nome das convenções que nos fazem civilização e grandeza.

Sinto em mim, contudo, imperioso e dolente, o desejo da terra molhada, dos corpos belos, o prazer físico da presença desejada, do frémito incontido ao roçar leve da tua mão na minha.

Em nome da cultura e da civilização sacrifico-me. A minha coroa de glória quem ma dará? E pergunto-me dilacerada se será civilização e grandeza ou mesquinhos arremedos que a miopia colectiva endeusou.

Não ousou afrontá-los contudo.

E dentro de mim, censuradas e sedutoras, sucedem-se as imagens proibidas e as sensações interditas.

Sublimar é palavra d'ordem. O amor e a paixão, a libido e o prazer. No altar dos valores supremos. Sublimar aqui e agora e manter estóica e estupidamente secretos os diálogos que comigo mantenho contigo.

Convenho-me que a vida é feita de ironias.

Queria contudo abraçar-te em meio à multidão, correr ao encontro de ti pelas achadas imensas e juntos nos afogarmos nas ondas deste oceano que é nosso.

Amanhã o dia será de glória.

## EXERCÍCIO POÉTICO 1

### Sobre a beleza e a morte

Estamos todos e prescindimos do voto. A cidade é nossa e está sitiada. O frio inunda a praça pública onde a multidão se amotinou. Dos galhos das árvores pendem cadáveres de olhos ensanguentados e sorriso nos lábios. Observam a euforia crescente e, em sonho premonitório, vejo-me eleita a ocupar a única árvore livre. Em trono fosforescente, cercada de plumas e de homens de dorso marcado, espalho, em ondas cálidas, o vento e o odor marinho que me dão vida. Um lenço de vivas cores envolve meus cabelos fartos e a saia imensamente rodada apenas deixa ver minhas pernas voluptuosas que se abandonam entre rendas coloridas. Meu peito cintila e a beleza brilha em minha face negra. De mim se emana, em sons subterrâneos, uma música celestial que faz assomar a felicidade aos lábios dos mortos e agita os vivos.

Meu Deus! que mediania é essa que me arrasa os nervos e não me deixa ouvir os sons que me apaixonam?

Da multidão um homem se agiganta e em fúria desmedida decepa a cabeça dos vivos. É a revolta dos mortos a quem se tirou a razão de existência. E com suas línguas roxas e inertes tiram a vida ao homem que se agigantou.

No meio dos mortos fico eu. Viva apenas mas viva a palpitar. Para quem correrá o frémito que me nasce na alma? Em quem minhas veias ardentes matarão a sua sede? Por quem contemplarei meus seios perfeitos?

Desterrada no meio dos vivos-mortos verei consumir-se meu fogo que nascido de dentro, dentro se extinguirá, matando-me também e – oh, deuses generosos! – permitindo enfim que meus olhos repousem sobre a formosura ímpar dos corpos caídos e inúteis.

## SINAIS

Pelo tempo por que passei  
 deixei gravados os meus sinais  
 d'insurreição, revolta e rebeldia  
 e d'alegria para lá da dor  
 Pelo tempo por que passei  
 deixei gravados os meus sinais  
 d'escrava amarrada ao tronco  
 esperando a cruel chibata  
 de pobre jovem impúbere  
 abusada por todos os senhores  
 de anónima operária exangue  
 aos desmandos do patrão  
 de triste esposa submissa  
 obedecendo ao rude senhor

Pelo tempo por que passei  
 deixei gravados outros sinais  
 de jornadas de luta  
 de oitos de Março  
 do repto de Rimbaud  
 do no woman no cry  
 da fantástica solidariedade

Pelo tempo por que passar  
 deixarei gravados outros sinais  
     sinais de fogo de  
     sangue  
     e de amores  
 Sinais de lágrimas de  
     ódios  
     e de dores

Mas hoje  
 dona dos meus jardins  
 livre e insubmissa  
 ajoelho-me a teus pés  
 em sinal d'amor e liberdade

## **ROSA ENTRE CADÁVERES**

*A Eugénio Tavares*

Em África nasce uma rosa  
Uma rosa entre cadáveres  
E dela brota um sol de sangue

Em África cresce uma rosa  
Rosa única de dor e revolta  
E dela queda um sol de sangue

Não é rosa depois da neve  
Nem rosa flor d'amor  
Não é rosa multicolor  
Nem tem perfume embriagador

É rosa d'Eugénio  
Flor de doer  
Rosa de arder  
Metamorfose de cadáveres

Uma rosa para que serve  
Flor única num continente imenso  
Rosa na dor submersa  
Dela queda um sol de sangue

É rosa de Eugénio  
Rosa mirabilica  
Em oferenda contra a morte  
Num tempo  
Tanto tempo!  
De dor

Em África cresce uma rosa  
É a rosa mirabilica  
Flor da poesia  
Uma rosa entre cadáveres

*Setembro de 2000*

## ABRAÃO VICENTE



**Abraão Aníbal Fernandes Barbosa Vicente** nasceu em 26 de fevereiro de 1980, na Ilha de Santiago, Cabo Verde. Vive em Portugal e é licenciado em Sociologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Já expôs seus trabalhos em diversas exposições individuais e coletivas em países como Cabo Verde, Portugal, Espanha, França e Tunísia. Em literatura, lançou, em 2010, sua primeira experiência em prosa, “O Trampolim”. Suas obras podem ser apreciadas em [abraaovicenti.blogspot.com](http://abraaovicenti.blogspot.com)



## MITO ELIAS

**Fernando Hamilton Barbosa Elias**, o Mito Elias, artista multifacetado. Nasceu em 09 de agosto de 1965, na Praia, em Santiago de Cabo Verde, trabalha e vive em Portugal desde 1989. Desenvolve uma linguagem plástica original e híbrida, que consiste na recuperação da tradição oral e do fabulário crioulo, estilo simbiótico entre aguada e escrita que apelidou de mare calamus. Realizou exposições individuais e coletivas em Cabo Verde, Portugal, Brasil, EUA, Inglaterra, Holanda, dentre outros.

Também poeta, Mito Elias foi o idealizador da revista “Sopinha do Alfabeto” nos anos 1980 e participou de antologias como a “Mirabilis – de veias ao sol”, organizada por José Luis Hopffer C. Almada.

Recebeu, em 2005, a medalha de cidadão de mérito atribuída pela Câmara Municipal da Praia e a medalha de mérito cultural de 1º grau, atribuída pelo estado de Cabo Verde. Em 2007, recebeu a medalha de mérito cultural, atribuída pela Câmara Municipal da Praia. No ano de 2010, recebeu a medalha de 1ª classe da ordem do vulcão - atribuída pelo presidente da República de Cabo Verde, Comandante Pedro Pires.

Seu sítio é [www.tanboru.org/mito](http://www.tanboru.org/mito)



## RICARDO RISO

Ricardo Riso é o pseudônimo de Ricardo Silva Ramos de Souza, nascido a 10/04/1974, no Rio de Janeiro – Brasil, graduado em Letras pela Universidade Estácio de Sá; concluiu (ouvinte) a pós-graduação lato sensu em História, Cultura e Literaturas Africanas e Afro- brasileiras da Universidade Castelo Branco; titular da seção de crítica literária do periódico científico “África e Africanidades” – [www.africaeaficanidades.com.br](http://www.africaeaficanidades.com.br) – (ISSN 1983-2354); autor do blog “Riso – Sonhos não envelhecem” – <http://ricardoriso.blogspot.com>. Desde outubro de 2009 colabora com resenhas literárias para o semanário cabo-verdiano “A Nação”; é titular da coluna “LiterÁfricas” - <http://literaciaticardoriso.blogspot.com/>, de “Literacia Revista Cultural” – <http://www.aliteracia.blogspot.com/>.



Para além da atividade crítica, preocupa-se com o acesso do público brasileiro aos livros dos autores africanos de língua portuguesa. Dentro desse objetivo, concretizou parcerias com as editoras Artiletra (Cabo Verde), União dos Escritores Angolanos e com o poeta António de Névada (Cabo Verde), e hoje seus livros são encontrados para venda na Kitabu – Livraria Negra, no Rio de Janeiro. Na área de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa apresentou comunicações em congressos e seminários, e ministrou palestras em instituições como UFRJ, UNESA, FERLAGOS e Colégio Pedro II. E-mail: [risoatellie@gmail.com](mailto:risoatellie@gmail.com)